

Ana Maria Magalhães · Isabel Alçada

Ilustrações de Rui Sousa

# Camões no Oriente



Fundação  
Jorge Álvares



# Camões no Oriente

Ana Maria Magalhães · Isabel Alçada

Ilustrações de Rui Sousa



Fundação  
Jorge Álvares

# Índice

CAPÍTULO I	Um grupo especial	5
CAPÍTULO II	Visita inesperada	15
CAPÍTULO III	Um salto no tempo	21
CAPÍTULO IV	Onde estará Camões?	31
CAPÍTULO V	Jantar poemas?	45
CAPÍTULO VI	Onde estariam?	53
CAPÍTULO VII	Dinamene	65
CAPÍTULO VIII	Adeus Macau!	75
CAPÍTULO IX	O naufrágio!	83

## INFORMAÇÃO HISTÓRICA

Camões	92
<i>Os Lusíadas</i>	92
A vida de Camões	93
Camões em Coimbra	93
Camões em Lisboa	94
Amores proibidos	95
Camões no Norte de África	97
Camões de novo em casa	97
O embarque para a Índia	99
Rumo à Índia	102
Chegada a Goa	105
Condições difíceis	108
De novo em Goa	113
Garcia de Orta, grande amigo de Camões	115
Camões em Macau	117
O terrível naufrágio	121
Regresso atribulado	123
<i>A ditosa pátria amada</i> e a grande desilusão	126
Os retratos de Camões	132
Cronologia	136



## CAPÍTULO I

# Um grupo especial

O dia estava frio, mas o ambiente na escola aquecera bastante à conta da festa que os alunos tencionavam organizar. Reunidos em grupos, discutiam as muitas propostas que tinham surgido e tão depressa as vozes subiam de tom como soavam gargalhadas. Helena, que habitualmente se evidenciava por ser despachada e muito comunicativa, falava, falava sem parar, com o entusiasmo de sempre. Joana, bem mais reservada, mantinha-se à parte e observava-a numa confusão de sentimentos, porque um elemento novo viera perturbar a relação próxima e profunda que as ligava desde o jardim de infância. Amigas e colegas há tantos anos, tinham-se habituado a partilhar ideias, sonhos, projetos, alegrias e tristezas em conversas sem fim. Frequentavam constantemente a casa uma da outra e, em geral, passavam boa parte das férias juntas. Nunca lhes passara pela cabeça que pudessem zangar-se e, na verdade, não se tinham zangado. Em todo o caso, havia um problema: sentiam-se ambas atraídas pelo rapaz que ali aparecera depois do início das aulas. Os pais dele tinham mudado de emprego e de casa, a mudança implicara transferência de escola, o que

não pareceu afetá-lo minimamente, pois adaptou-se de imediato e com uma naturalidade surpreendente.

— Gonçalo, desculpa lá, mas a tua proposta não é a melhor — dizia a Helena. — Ouve.

Embrenhado num debate aceso com mais dois ou três, não lhe respondeu nem lhe prestou atenção, o que levou Helena a segurá-lo pelo braço e a insistir:

— Ouve, por favor!

«Está-se a aproveitar», pensou Joana com uma ponta de ciúme que dominou, embaraçada.

Para desanuviar, passou a vista pelos vários grupos que de início discutiam separados, mas que a pouco e pouco se iam juntando. E então, para seu mal, concluiu o que já concluía antes, não faltavam raparigas interessadas no Gonçalo.

«E não admira», pensou, «atlético, giro, simpático, alegre, com ideias diferentes, não admira que desperte paixões!» Para tentar livrar-se de pensamentos incómodos concentrou-se na hipótese que já antes lhe viera ao espírito.

«Acho que todas gostam dele, ou quase todas, mas ele só se interessa por nós as duas!»

Não se enganava. Gonçalo fazia sucesso em toda a parte, e até já tivera vários namoros, mas naquela escola fora invadido por sentimentos novos e aos quais ainda não fora capaz de dar rumo.

«Desta vez apaixonei-me à primeira vista? E logo por duas raparigas? Ainda por cima amicíssimas? O que é que eu faço?»

Sem soluções, preferira adiar a escolha e continuou a dar-se bem com elas. Volta e meia não resistia a aproveitar-se das ocasiões em que todos se abraçavam, porque alguém fazia anos ou fora bem-sucedido numa qualquer tarefa, e deixava que o abraço fosse de tipo romântico. Já percebera que elas gostavam, mas até então ficara-se por atitudes que podiam ser interpretadas como simplesmente amistosas... ou talvez não. À noite, em casa arrumava o assunto antes de adormecer.

«O melhor é deixar passar o tempo e logo se vê o que acontece!»

Naquele momento, no entanto, não pensava em nada disso por estar ocupado a defender as suas propostas para a festa. Mas alguém lembrou:

— Está quase na hora de irmos para a aula e temos portugueses com a «Vivi».

A turma do «triângulo amoroso» disparou imediatamente escada acima. A professora Violante, para quem um aluno propusera a alcunha carinhosa de Vivi, já tinha a porta aberta e esperava por eles muito direita e muito séria. Ao contrário do que acontecia noutras disciplinas, entraram em silêncio, sentaram-se sem fazerem barulho e aguardaram em suspenso. Aquela senhora tinha um efeito curioso sobre eles, o que não deixava de ser estranho, porque fisicamente era uma pessoa insignificante e até talvez pudesse ser classificada de feiosa.

Lá estava ela, minúscula, pálida, de cabelo muito curto e muito liso, vestida como de costume, pois só

usava roupa incaracterística, em tons de bege ou cinzento, à espera de os sentir preparados para arrancar. Quando já não se ouvia sequer um mosquito, tomou a palavra e, então, correspondendo às expectativas. Os olhos, pequenos e escuros, adquiriram o brilho intenso que lhe conheciam, a voz, suave e firme, envolveu-os a ponto de esquecerem tudo o que, até segundos antes, lhes ocupara a mente, para se concentrarem em exclusivo no que ela dizia. Nenhum deles saberia explicar o fenómeno. No entanto, repetia-se em cada aula e ao longo de toda a aula, o que era extraordinário pois estavam a estudar uma obra notável mas muito difícil, *Os Lusíadas*.

A Vivi prepara-os bem. Em vez de entrar de chofre no texto, falara da época e, sobretudo, do autor, por quem tinha uma admiração sem limites. Sabia muito sobre a vida dele e tivera o cuidado de lhes fazer um relato tão empolgante que, antes de iniciarem a leitura, já todos se sentiam próximos do poeta, tão próximos que, às vezes, eram assaltados pela ilusão de terem viajado no tempo ao seu encontro, de terem tido a oportunidade de falar com ele, de o acompanhar. E as peripécias da sua vida agitada passavam a tema de conversa nas horas livres. Alguns achavam que interessantes mesmo eram as paixões em que ele se enredara. E indignavam-se com o facto de, na época de Camões, haver amores proibidos e de ele ter sido expulso de Lisboa por se ter apaixonado e certamente oferecido poemas a uma menina da alta nobreza, que com certeza também gostava dele.

- Coitado do Luís de Camões! Primeiro, expulso de Lisboa onde tinha a família e os amigos. Depois, obrigado a ir lutar no Norte de África.
- O pior foi ter sido ferido e ficado sem o olho direito.
- Sem dúvida. Mas ter estado várias vezes preso foi, de certeza, uma experiência horrenda.
- E as viagens? Naquele tempo viajar era um inferno. Já pensaram o que seria andar a balançar seis meses num navio sem quartos nem casas de banho? Que enjoo!

Um dos colegas, que já tinha ido à Índia com os pais, lembrou:

- Agora, de facto é tudo muito melhor. De Lisboa a Nova Deli, que é a capital da Índia, em voo direto demora-se no máximo catorze horas. E as pessoas queixam-se de que é muito tempo. Seis meses, então, devia parecer uma eternidade.
- Mas não havia outra maneira de lá chegar.
- Haver, havia. Só que por terra ainda era mais complicado.
- Índia, China! Camões realmente fartou-se de viajar.
- Bom, por muito que tenha sofrido, teve a sorte de ver muitas zonas do mundo.
- E deve ter tido muitas namoradas.
- A professora Vivi disse que não se sabe se ele teve namoradas na Índia, mas se viveu lá catorze anos, de certeza que houve romances!
- Concordo. Mas, para mim, o romance mais forte e até mais feliz do Camões deve ter sido com a rapariga

chinesa com quem viveu em Macau. A Como é que ela se chamava?

- Dinamene – responderam várias vozes em coro.
- Porque é que achas que foram muito felizes?
- Porque na China ninguém os chateava.

Invariavelmente acabavam a falar do naufrágio que ocorrera quando o poeta regressara da China. Vivi descrevera tudo de forma impressionante e tinha mostrado desenhos e pinturas que representavam a cena com grande realismo: a nau a afundar-se, Camões a nadar levando consigo *Os Lusíadas*.

Vivi concluía o relato com o suspiro emocionado de quem se congratula pelo facto de o poeta ter sobrevivido e ter conseguido salvar a sua obra-prima. Mas, após uma breve pausa, acrescentara:

- Há quem diga que a Dinamene também ia a bordo e morreu afogada. E também há quem diga que não, porque afinal não passava de uma figura imaginária a quem ele dedicava poemas, o que, a mim, me parece um disparate. Enfim, na verdade, ninguém sabe ao certo o que aconteceu. O que se sabe é que Camões escreveu versos maravilhosos a uma rapariga que morreu cedo, a uma rapariga que morreu no mar e a quem ele chama Dinamene.
- Pobre Camões! Até o último amor lhe quiseram tirar!

A professora apreciara aquele comentário da Joana, mas nesse dia a aula estava quase a acabar. Terminou com a leitura de um poema em voz alta.

*Ah! minha Dinamene! Assi deixaste  
quem não deixara nunca de querer-te?  
Ah! Ninfa minha, já não posso ver-te,  
tão asinha esta vida desprezaste!*

*Como já para sempre te apartaste  
de quem tão longe estava de perder-te?  
Puderam estas ondas defender-te,  
que não visses quem tanto magoaste?*

*Nem falar-te somente a dura morte  
me deixou, que tão cedo o negro manto  
em teus olhos deitado consentiste!*

*Ó mar, ó Céu, ó minha escura sorte!  
Que pena sentirei, que valha tanto,  
que inda tenha por pouco viver triste?<sup>1</sup>*

No dia seguinte, Vivi ainda lhes falara dos últimos anos da vida de Luís de Camões, da frieza com que foi recebido em Lisboa e da pouca importância que o rei D. Sebastião atribuíra a *Os Lusíadas*.

— Enfim, uma tristeza! O nosso maior poeta não foi festejado como merecia. Mas, ao menos, quando viu *Os Lusíadas* já publicados, deve ter ficado a rebentar

---

<sup>1</sup> Soneto, *Obras completas de Luís Vaz de Camões*, II volume — Lírica. Org. Maria Vitalina Leal de Matos, E-Primatur, 2022, p. 217.

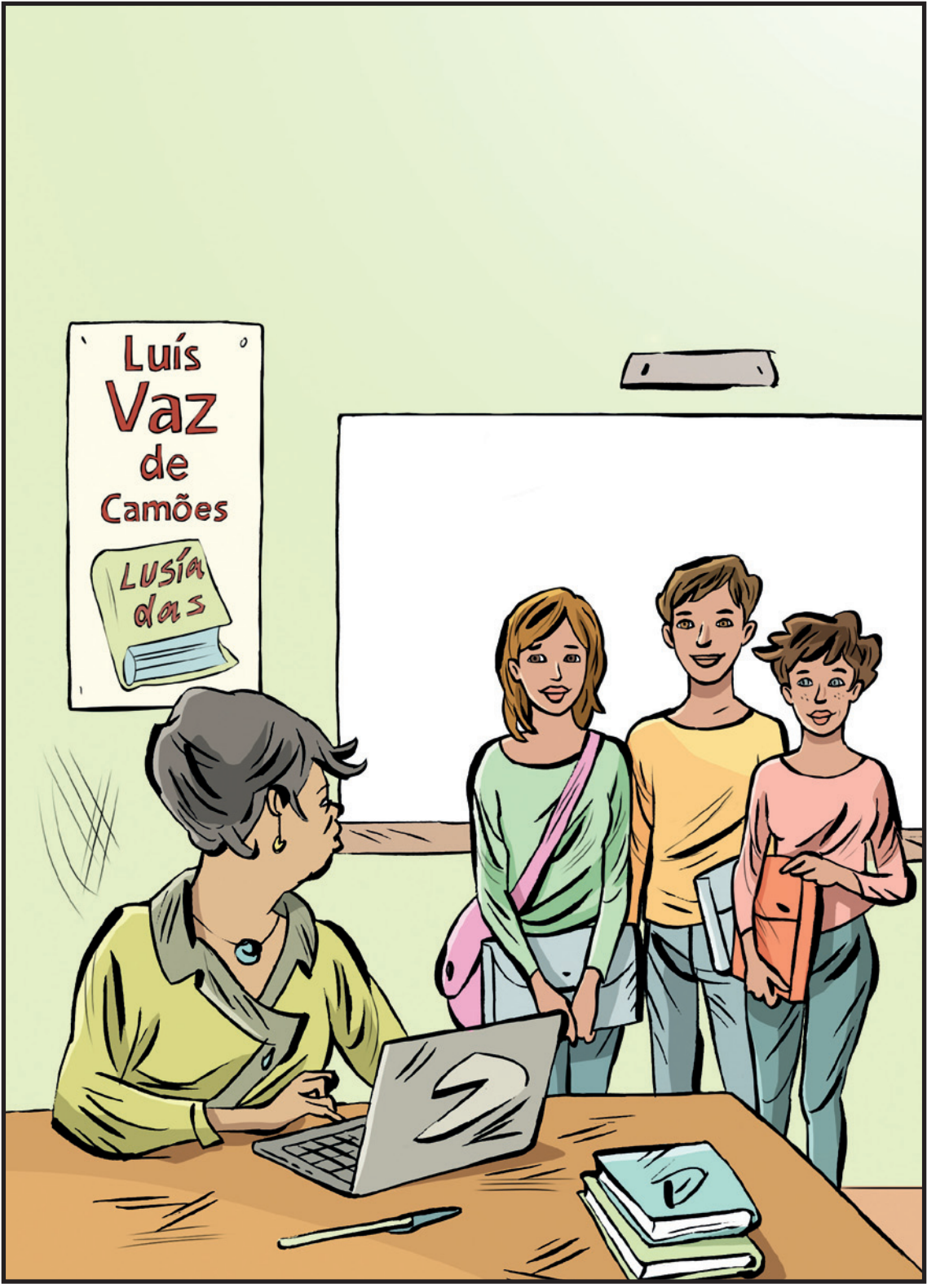
de alegria. E agora chegou a vossa vez de se alegrarem porque vamos começar a estudar essa obra.

Tanta informação, tão bem apresentada, deixara-os recetivos, e foi de espírito aberto que se dispuseram a ouvi-la e a ler o texto.

– O tema central de *Os Lusíadas* é a viagem em que os navios portugueses, comandados por Vasco da Gama, descobrem o caminho marítimo para a Índia, em 1498. Estes navegadores fizeram uma viagem que nunca ninguém tinha feito antes. Por isso Camões chama aos portugueses *gente ousada, disposta a enfren-tar ventos inimigos, por mares nunca dantes navegados*. E, como era um homem culto e criativo, não se limi-tou a contar o que aconteceu aos homens e aos navios enquanto navegavam. Imaginou um enredo mais complexo, em que envolveu deuses da Roma antiga como personagens. Inventou que alguns deuses que-riam ajudar os portugueses, mas que outros tudo fize-ram para tentar que não cumprissem a missão.

Despertara-lhes a curiosidade, quiseram saber mais. Vivi mostrara quadros com imagens de vários deuses e dera pormenores acerca do papel que o poeta atribuíra a cada um.

A figura do deus Mercúrio agradara especialmente à turma, por ser a de um rapaz novo, bem constituído, que tinha asas no capacete e nas sandálias e porque, sendo o mensageiro dos outros deuses, se deslocava voando. Vivi achou graça ao interesse que demonstravam. A turma inteira queria fazer perguntas, mas a aula estava a acabar.



Luís  
Vaz  
de  
Camões

LUSIA  
das

— Fica para a próxima. Na próxima aula voltamos a falar no assunto.

Os alunos saíram ordenadamente e sem barafunda. Helena, Gonçalo e Joana ficaram para trás e aproximaram-se da professora na esperança de que lhes respondesse a uma última pergunta.

Ela acolheu-os bem, como sempre.

— Digam lá o que querem saber.

Quem falou foi a Helena:

— Gostávamos que nos dissesse se há alguma explicação para Camões ter conseguido escrever um livro tão grande e muitos outros poemas, apesar de ter tido uma vida tão difícil.

— E agitada — acrescentou a Joana.

— E perigosa — acrescentou o Gonçalo.

Ela sorriu ao de leve.

— Ora aí está uma questão fantástica. Uma pergunta de quem está verdadeiramente interessado em compreender o poeta. Mas como hoje não tenho tempo para mais conversa, dou-vos uma prenda.

Remexeu na carteira, donde retirou três pequenos porta-chaves suspensos em fitas amarelas.

— Guardem-nos bem para ficarem com uma recordação minha.

Eles agradeceram e foram embora juntos.

— Venham até minha casa — convidou Helena. — Ontem estiveram lá amigos da minha mãe, sobram bolos ótimos para nós lancharmos.

O convite foi prontamente aceite.

## CAPÍTULO II

### Visita inesperada

**H**elena adormecera de janela aberta. A noite estava escura mas muito fresca, provocou-lhe arrepios e despertou-a. Estremunhada puxou o edredão até ao pescoço e preparou-se para mergulhar de novo no sono.

Na cama ao lado estava a Joana, que tinha sido convidada para jantar, mas, conforme acontecia com frequência, acabara ficando para dormir. Também ela sentia frio, também ela se tapara até às orelhas e desaparecera entre os lençóis pois, sendo muito magra, quase não se notava o vulto sobre o colchão. Como ambas se esforçavam para adormecer, não repararam que uma nuvem de formato estranho se deslocara no céu, deixando atrás de si um rasto em feitio de asa. Aliás, asa muito bem desenhada.

Levantara-se vento e as cortinas balançaram ao de leve. Helena remexeu-se, Joana mudou de posição de modo que ficaram de frente para as mesas de cabeceira. De súbito e sem motivo aparente, os porta-chaves, que tinham pousado no tampo, iluminaram-se. Perplexas, interrogaram-se:

— Os porta-chaves têm pilhas?

Uma musiquinha suave e inesperada levou-as a pensar que a professora Violante lhes quisera fazer uma surpresa.

- Em vez de porta-chaves, deu-nos minidespertadores?
- Ou isso, ou qualquer aparelhómetro do género.
- Ela é mesmo exótica!

A música continuava, tão doce e suave como a das flautas. Instintivamente estenderam as mãos para agarrarem e desligarem os supostos porta-chaves. Ao primeiro toque surpreenderam-se.

- O meu está morno.
- Morno? O meu está é quente!

Por mais que procurassem, não detetaram nenhum botãozinho ou pequena alavanca para desligarem os aparelhos, mas enquanto os faziam deslizar entre os dedos o quarto encheu-se de névoas esbranquiçadas e apareceu-lhes na frente a mais inesperada das figuras: Mercúrio, deus dos romanos, que tinham visto em gravuras de livros de História, em estátuas, em museus. O aspeto era o mesmo de sempre — homem novo, atlético, bem constituído, com asas no capacete e nas sandálias.

Tinham-se sentado na cama e olhavam-no como que hipnotizadas. Ele sorriu-lhes, e o que disse deixou-as atónitas.

- Ainda bem que me reconheceram porque venho lançar-vos um desafio.
- A nós? Porquê?
- Porque vos considero capazes de participarem numa missão especialíssima.



Atónitas, não reagiram, nem abriram a boca, mas as ideias sucediam-se-lhes na mente a grande velocidade: aquilo seria um sonho? Uma alucinação? Ou não passava de partida de alguém que as quisera assustar? Mas quem? O Gonçalo? Teria projetado um holograma no quarto para se divertir?

— Não é nada disso — atalhou Mercúrio como se lhes tivesse captado o pensamento. — A par do mundo real em que vocês vivem, há um mundo surreal em que existo eu. E não só eu, claro. São mundos separados, mas quando se estabelece a comunicação, só há uma atitude correta: aceita-se, ou melhor, aproveita-se a oportunidade, que é rara, sem procurar explicações. Estamos em presença, não estamos? O meu desafio é um convite. Aceitam?

— Aceitamos o quê?

— Partir em viagem. Uma grande viagem, acessível apenas a gente ousada, de espírito aberto, disposta a enfrentar «ventos inimigos por mares nunca dantes navegados».

As palavras soaram-lhes familiares, mas estavam tão perturbadas que nem uma nem outra as souberam identificar. E Mercúrio insistia.

— Aceitam o meu desafio? Confiam em mim?

— Sim — responderam em coro à segunda pergunta, porque quanto ao desafio ainda tinham dúvidas. Mas o visitante pareceu dar-se por satisfeito e apontou-lhes os porta-chaves que elas tinham repostos nas mesas de cabeceira e que continuavam a emitir uma luz ténue.

– Peguem-lhes – ordenou.

No estado em que se encontravam, não foi possível resistir, obedeceram-lhe.

– Como veem, esses porta-chaves têm um fio. Pendurem-nos ao pescoço e nunca os tirem por motivo nenhum. São indispensáveis para a viagem que vão fazer, compreendem?

– Sim.

– Então vá, ponham-nos ao pescoço.

Assim que os enfiaram pela cabeça, num gesto automático perderam a consciência.



## CAPÍTULO III

### Um salto no tempo

A primeira sensação física que tiveram depois do encontro surreal foi de calor intenso, húmido, sufocante. Continuavam deitadas, mas em vez da macieza do colchão, o que tinham por baixo do corpo eram tábuas flutuantes.

Que lhes teria acontecido? Joana foi a primeira a erguer as pálpebras, que logo baixou para se defender da luz do Sol.

- Onde é que estamos? – perguntou à toa.
- Dentro de água – respondeu-lhe a amiga. – Não percebo como, mas viemos parar a um rio.
- Dentro de uma canoa?
- Parece que sim.

Adiante, havia outras embarcações de madeira muito estreitas e compridas. Não se via ninguém em terra, mas ao longe, um rapaz alto e magro conduzia a sua canoa em pé e servindo-se de um pau comprido que espetava no fundo do rio para a fazer avançar.

- Parece que estamos noutro mundo!

Atarantadas, sentaram-se a olhar em volta, e tudo lhes pareceu estranho.

— Estaremos a sonhar?

— As duas a mesma coisa? Não acredito.

Helena beliscou-se, Joana imitou-a e as dúvidas dissiparam-se.

— Estamos acordadas.

— Não sabemos é onde.

O rio tinha uma cor invulgar entre o verde e o cinzento. Nas margens, crescia vegetação de tal forma densa que não lhes permitia estenderem o olhar pelos campos nem desembarcarem.

Ainda pensaram em pedir ajuda ao rapaz da canoa, mas ele entretanto desaparecera. Que fazer? Joana, obviamente enervada, tapou a cara com as mãos. Helena, que a conhecia como ninguém, percebeu perfeitamente que ela estava prestes a entrar em pânico e que só conseguiria distraí-la com uma proposta concreta, prática. Foi o que fez.

— Vamos procurar um sítio onde seja possível saltarmos para fora desta «barcoleta». Se andava por aqui um rapaz, a terra é habitada, havemos de encontrar quem nos oriente e até talvez quem nos explique o que se passa connosco.

— O problema é que não temos remos.

— Mas temos paus compridos aqui no fundo da canoa. Paus iguais àquele que o rapaz usou para deslizar pelo rio acima. Vou fazer o mesmo.

— Achas que consegues?

— Acho. Preciso é que me ampires, para eu não me desequilibrar e cair borda fora.

— Está bem.

Pouco depois, Helena conduzia a canoa ao longo da margem, na mesma direção que o rapaz tomara. A certa altura, atravessaram uma espécie de túnel feito de ramos e folhagens, onde cantavam pássaros de voz aguda. O calor apertava e o cheiro intensificava-se. Agora era um odor forte a terra húmida e a lodo que lhes invadia as narinas. Mas Helena, concentrada na sua tarefa, não se deixou perturbar. Quanto a Joana, chamara a si todas as forças, para não perder o norte.

Felizmente acabaram por avistar aquilo que lhes pareceu ser um ancoradouro primitivo, feito com tábuas unidas por cordas que o prendiam à margem. Encostaram então a canoa, que abandonaram ali mesmo assim que puseram o pé em terra firme. Em frente, pelo meio dos arbustos, havia um trilho marcado pelas pegadas de caminhantes. Não sabiam onde conduzia, mas, sem alternativa, enveredaram por ali. Joana sentia-se vagamente receosa porque, naquele tipo de ambiente, o mais certo era cruzarem-se com animais indesejáveis. A caminhada ainda foi longa, mas, quando menos esperavam, deram consigo num campo aberto, extenso, onde pastavam búfalos, uns de pelo castanho, outros de pelo esbranquiçado. E lá ao fundo, para alívio de ambas, havia casas, poucas, mas casas onde certamente viviam pessoas!

Estugaram o passo, tentando imaginar os indivíduos com quem dentro de momentos iriam encontrar-se. Que tipo de homens seriam? E de mulheres? E de crianças?

Morenos? Loiros? Amistosos? Agressivos? Tudo lhes parecia possível. As surpresas, porém, não tinham terminado, pois quem avistaram ao longe foi o Gonçalo. Sentado à sombra de uma palmeira, de camisa amarela até aos joelhos, calças largas e chinelos de cabedal, parecia tão baralhado quanto elas as duas. Só então se aperceberam de que os pijamas tinham sido substituídos por túnicas de seda até aos pés.

- Palpita-me que não mudámos só de lugar.
- Também acho. Devemos ter dado um salto no tempo.
- Para que tempo?
- Não faço ideia!

Gonçalo ainda não as tinha visto, quando se aproximaram pôs-se em pé e correu a abraçá-las numa euforia.

- Joana! Helena! Que bom terem aparecido! Pensei que estava sozinho!

Falava e beijava-lhes as bochechas repetidamente, desta vez, porém, nem abraços nem beijos tinham sombras de romantismo, pois o que sentiam todos era uma imensa satisfação por se terem encontrado, por não estarem sozinhos. Ansiavam saber o que lhes acontecera, o que de início não foi fácil. Mas acabaram por partilhar a descoberta dos misteriosos porta-chaves e a misteriosíssima visita de Mercúrio, que também aparecera ao Gonçalo e lhe tinha falado mais demoradamente.

- Explica lá, em pormenor, tudo o que ele te disse — pediu Helena.
- Já expliquei.
- Mas de forma confusa. Repete, por favor.

Gonçalo engoliu em seco, tomou balanço, procurou as palavras certas e, como estava perturbado, teve de fazer um esforço tremendo para as arrumar em frases simples e claras.

— O Mercúrio começou por me dizer que em tempos deu uma ajuda ao Vasco. E que agora queria ajudar o Luís. O que só seria possível com a participação de três seres humanos de confiança. Tinha-me escolhido a mim, pediu-me que indicasse outras duas pessoas.

— E tu?

— Pensei que aquilo era um sonho, mas quando ele pediu duas pessoas, só podia lembrar-me de vocês, não é?

Elas cruzaram um olhar rápido, sem fazerem comentários. E ele prosseguiu.

— Tudo o que nos está acontecer é superestranho.

— Pois é.

— Já percebeste o que temos de fazer?

— Não.

— E então?

Quem interpelou a Joana foi um homem de olhar bondoso e sereno que apareceu à porta da casa mais próxima. E interpelou-a com uma pergunta:

— Portugueses e recém-chegados, não é verdade?

Sorria-lhes, e o sorriso não podia ser mais acolhedor.

— Eu sei, eu sei! Quando se chega de tão longe, tudo parece estranho, tudo parece difícil de encaixar na mente. É o caso do meu amigo Francisco que se instalou aqui nos arredores da cidade de Goa. Veio de Braga para a Índia na ideia de enriquecer depressa,

mas estranhou o ambiente baralhou-se, ficou confuso, adoeceu. Visitei-o para o animar, espero que com o tempo arrebite. Mas vocês são novos, adaptam-se mais depressa, como eu me adaptei!

— Vive cá?

— Vivo em Goa e adoro. Venham comigo, que a cidade não fica longe e vão gostar. Quando chegarmos a casa ofereço-lhes um refresco, sumo de manga ou leite de coco, conforme preferirem.

Escutavam-no sem prestar muita atenção ao que dizia porque acabavam de perceber onde tinham ido parar.

— À Índia! Fomos projetados para a Índia. Mas como?

No espírito deles os três ecoaram as advertências de Mercúrio: *Quando se estabelece a comunicação entre mundos paralelos não se procuram explicações, aceita-se...*

Bom, estavam, pois, na Índia e noutra época. Mesmo aceitando as regras de Mercúrio, gostariam de saber em que época tinham aterrado. O simpático indivíduo que ali os acolhera fitava-os sem perceber por que motivo pareciam alheados. E refez o convite de forma delicada:

— Se querem vir comigo recebo-os com muito gosto.

Se têm outros planos, não há problema.

— Planos? Não temos planos nenhuns.

— E agradecemos que nos receba.

— Então toca a andar!

Seguiram-no, dominando-se para não fazerem a pergunta óbvia: «Em que ano estamos? A que época da História viemos parar?»

Como não queriam passar por parvos, contiveram-se.

O percurso foi longo, mas mal chegaram a Goa ficaram encantados, pois a cidade lindíssima erguia-se na margem de um rio muito largo onde se cruzavam imensos navios de outros tempos. Alguns eram enormes e deslocavam-se à vela, outros mais pequenos eram conduzidos a remos por homens esguios e parecidos com o primeiro que tinham visto.

— Grande animação, não? Este rio Mandovi é uma festa permanente. E a cidade também.

Realmente assim era. Nas ruas cirandavam homens, mulheres e crianças, vestidos de cores garridas, que conversavam entre si. Sendo muitos, a vozearia funcionava como música de fundo para o ambiente, do qual os animais também faziam parte, pois daqui e dali surgiam cavalos, cães, vacas e até um elefante que servia de montada a um homem de turbante encarnado.

Tudo em volta era bonito, desafiante, ruidoso. Vozes, risos, passos, cascos de cavalos matraqueando o chão. Calor. Um cheiro diferente, intenso sim, muito intenso, mas a especiarias.

— A Índia não é um mundo paralelo — segredou-lhes o Gonçalo —, mas é bem diferente do nosso. Que será que viemos cá fazer?

— Não sei, mas se querem que vos diga, já me sinto pronta para qualquer tipo de missão por muito complicada que seja.

— Estamos a chegar a minha casa — disse o novo amigo com ar malandro. — E a rua tem um nome sugestivo. É rua dos Namorados!

Gonçalo lançou às colegas um olhar de significado duvidoso e elas coraram ligeiramente, mas o anfitrião mudou de assunto.

— A propósito, como é que vocês se chamam?

Lá debitaram os nomes e ele apresentou-se.

— Pois eu sou o Garcia. Garcia de Orta. Médico e farmacêutico. Mas entrem, entrem.

A casa era grande e erguia-se no meio de um jardim onde havia árvores de frutos exóticos e muitos canteiros retangulares com enorme variedade de plantas. A dona da casa veio recebê-los à porta, cumprimentou-os como quem está habituada a receber visitas, mas não lhes prestou grande atenção. Preocupada com qualquer coisa, chamou o marido à parte. Apesar de se terem afastado, Helena ouviu o que diziam porque teve o cuidado de se pôr a jeito. E repetiu aos amigos em transe.

— Ela quis saber se havia notícias, sabem de quem?

Do Luís de Camões! Viemos parar à época em que o Camões viveu em Goa. Agora está na prisão, se calhar o que temos de fazer é ir libertá-lo!

Gonçalo pestanejou, aturdido.

— O Luís, ajudar o Luís! Claro, como é que eu não percebi? A mensagem do Mercúrio foi um enigma simplicíssimo. Disse que tinha ajudado o Vasco, que só pode ser o Vasco da Gama de *Os Lusíadas*. E agora quis ajudar o Luís, que é, só pode ser o Camões! Como é que eu não percebi?



- Não percebeste tu, nem percebemos nós. Mas se a nossa missão é tirar o Camões da cadeia, teremos de o fazer.
- Como? Rebentamos as fechaduras? Ameaçamos os guardas?
- Se fizermos isso ainda nos prendem a nós.
- Acalmem-se — pediu a Joana —, porque ainda não sabemos nada em concreto sobre o que nos compete fazer. Temos de esperar instruções.
- De quem? Do Mercúrio?
- Talvez. Ou deste Garcia de Orta, que nos recebe com tanta naturalidade. Pelos vistos é amigo do Camões. Se calhar fomos enviados através do espaço e do tempo para lhe dar uma mãozinha.
- A fazer o quê?
- O que nos pedir.
- Se pudermos.
- Cá por mim, aguardo.
- Pois eu, não. À noite tento usar o porta-chaves para chamar o Mercúrio. Pode ser que consiga e ele se explique.
- E se não conseguires?
- Vamos à cadeia e logo se vê o que acontece.
- Concordo.
- Ótimo. Agora precisamos é de saber onde vamos dormir esta noite.

## CAPÍTULO IV

### Onde estará Camões?

**N**ão puderam ficar em casa de Garcia de Orta porque ele vivia com a mãe, as irmãs, a mulher, as filhas, não havia quartos vagos. Por isso levou-os ao convento, onde os frades tinham uma espécie de dormitório para acolher pessoas que precisassem de pousada.

Foram recebidos com amabilidade, mas as instalações deixavam muito a desejar porque consistiam num compartimento pouco arejado, com camas de palha e almofadas rijas. Em todo o caso, melhor do que nada.

Por sorte, naquela noite não estava lá ninguém, o que lhes permitiu não só conversar à vontade como darem voltas e reviravoltas aos porta-chaves, na esperança de que funcionassem. O que não aconteceu.

– Nada feito, vou dormir – decidiu o Gonçalo.

– E eu também.

Estenderam-se ao comprido, ajeitaram as almofadas.

– Com este calor, ninguém precisa de mantas.

– Mas temos de nos tapar para não sermos atacados pelos mosquitos.

Tinha razão a Joana, pois os zumbidos não deixavam lugar a dúvidas, se não se protegessem acordariam em péssimo estado.

– Estão ali uns panos fininhos que devem servir.

Helena foi buscá-los, desdobrou-os, distribuiu-os.

– São enormes.

– Ótimo. Assim até dão para tapar a cabeça.

O cansaço permitiu que, apesar do desconforto, Gonçalo e Joana adormecessem rapidamente. Helena também se deitou, mas de olhos abertos, pregados na claridade noturna que se oferecia através das telhas. E a refletir.

– Se no século XXI uma pensão ou um hotel recebessem hóspedes nestas condições, no mínimo pagavam uma multa e até talvez fossem obrigados a fechar de vez.

Muito quieta e encolhida por baixo do pano azul e branco que tinha escolhido para si, evocou as sensações agradáveis de quando se deitava na sua cama, sobre um colchão fofo, entre lençóis macios, no inverno tapada pelo edredão que a aquecia sem lhe pesar sobre o corpo. E concluiu em voz baixa:

– Nunca tinha pensado nisto, mas o conforto faz parte das grandes conquistas da civilização!

Entretida a recordar pormenores variadíssimos da vida confortável que tinha na época em que por sorte lhe calhara nascer, acabou também ela por se entregar ao sono.

No dia seguinte, a primeira coisa que fizeram foi tomar o caminho que os frades indicaram para a Cadeia

do Tronco, a única que então existia em Goa. Um deles tinha-se mostrado sensibilizado por quererem visitar o poeta.

— Fazem muito bem! Um bom cristão deve visitar os presos.

— Acha que nos deixam entrar lá dentro?

— Talvez. Os presos podem receber algumas visitas, sobretudo se lhes levarem comida.

— E se derem umas moedas aos guardas — acrescentou um parceiro.

— Nós não temos nem uma coisa nem outra.

Os frades trocaram olhares de entendimento e resolveram logo ali dar-lhes um saco com fruta, pão, doce de tâmara e algumas moedinhas.

— Levem isto e digam aos guardas que vão da nossa parte.

Eles agradeceram e partiram, contentes, sim, mas preocupados.

— Já temos uma hipótese de entrar na cadeia, o problema é sair.

— Sair, saímos. Não me parece é que seja possível libertar o preso!

— Logo se vê, acelerem.

Àquela hora o movimento na cidade já era considerável e o calor prometia tornar-se escaldante. Ainda assim avançaram ligeiros pelas ruas de terra batida apinhadas de gente que envergava trajes coloridos. Entre os homens, havia muitos que usavam turbante. Quanto às mulheres, os trajes eram túnicas de seda, algumas das

quais bordadas a fio de prata ou a fio de ouro, o que dava ao conjunto uma aparência de festa.

Curiosamente, os portugueses, homens e mulheres, andavam com roupas semelhantes às que usavam em Portugal, ou seja, calças, capas, saias, até aos pés, mas em tecido mais leves. Que ambiente tão engraçado! O mais engraçado, porém, foi depararem-se com um homem de pele muito escura, vestido de cor de laranja, que estava sentado numa pedra a tocar flauta junto a um cesto. A música era diferente de todas as que já tinham ouvido e, para espanto deles os três, teve um efeito incrível, pois fez sair do cesto uma cobra enorme que se pôs a dançar, toda contente, até ficar em pé de frente para o tocador.

«Outro mundo, outro mundo», pensavam encantados. «Vale a pena viajar para conhecer outras terras, outras gentes!»

Quase esquecidos do que ali os levara, lá foram avançando até ao largo que lhes fora indicado pelos frades.

O edifício da cadeia, construído em pedra na margem do rio, tinha a porta pintada de vermelho e janelas com grades de ferro. Ao lado, erguia-se um palácio espetacular que pertencera a um príncipe indiano, um sultão, chamado Yusuf Adil Khan. Agora pertencia aos portugueses e servia de morada aos vice-reis, que ali ficavam muito bem instalados, enquanto permaneciam no cargo, ao serviço do rei de Portugal.

Os presos é que, coitados, atrás das grades deviam sofrer bastante.



Especados diante da fechadura, passearam a vista pelas janelas.

— Onde estará o Camões?

— E porque será que o prenderam?

— Por ser poeta, não foi, com certeza.

Em frente à porta vermelha estavam três guardas.

— A qual deles entregamos as moedas?

— Sei lá!

— Talvez um deles seja o chefe.

— E como é que ficamos a saber?

— Pergunta-se — declarou Helena, que avançou resoluta em direção ao mais velho. Um pouco atrapalhada, lá explicou ao que vinham, apresentou os mantimentos que levava no saco e as moedas que tinha na outra mão. O guarda pegou nas moedas e mandou abrir.

— Entrem. O Gualdim vai levar-vos à cela do escritor, que está no piso de cima.

Subirem a escada em fila indiana atrás do guarda mais novo do grupo, que fazia tilintar um molho de chaves, já foi emocionante. À porta da cela, sentiram o coração aos pulos dentro do peito.

Quando a porta se abriu e viram o grande poeta que escrevera *Os Lusíadas* e tantos outros poemas maravilhosos, o poeta que vivera quinhentos anos antes de eles nascerem e se tornara famoso no mundo inteiro, emudeceram.

Camões estava sentado a escrever. Na mesa, pintada de vermelho, amontoavam-se folhas de papel. Ao lado



havia um tinteiro e várias penas de pato afiadas na ponta, que eram as canetas daquele tempo.

A escrita ficou em suspenso e ele, de pena de pato em punho, fitou-os um por um, com o olho direito fechado porque não estava com a pala preta do costume. Depois brindou-os com um sorriso e com uma frase que os deixou constrangidos:

– Vêm de visita ou vieram libertar-me?

O guarda abanou a cabeça negativamente e foi embora deixando-lhes um recado marcado pela indiferença.

– Quando quiserem ir embora chamem para eu vir fechar o prisioneiro.

Nenhum deles sabia o que fazer, nem o que dizer, mas a conversa fluiu de imediato à conta do poeta que não se calava.

– Gosto muito de receber visitas e conheço bem os frades que vos acolheram, são muito simpáticos. Nunca se esquecem de mim. Tenho por cá inimigos, mas também tenho grandes amigos. O Garcia de Orta é um deles, mas falem-me, falem-me de vocês.

Quis saber quem eram, de onde tinham vindo, se a vida lhes estava a correr bem pelas Índias e o mais de que se lembrou. Como era supercomunicativo e imaginativo dava ele próprio duas ou três respostas possíveis para cada questão. Quando soube que as visitantes se chamavam Helena e Joana, desatou a rir e exclamou:

– Já percebi tudo! Namoram as duas com este rapaz! E ele não manifesta preferência porque desconfia de ambas, não é? Também já me aconteceu, só que

havia mais uma ao barulho, a Maria. E até lhes fiz um poema que as deixou muito zangadas. Ora ouçam. Ergueu o queixo, ergueu o braço e falou como se estivesse a recitar num palco:

*Não sei se me engana Helena  
Se Maria, se Joana  
Não sei qual delas me engana.  
Uma diz que me quer bem.  
Outra jura que me quer.  
Mas em jura de mulher  
Quem crerá se elas não crêm<sup>2</sup>*

Riu de novo, bem-disposto, como se a poesia o livrasse da prisão. E talvez livrasse, pensou o trio, pois, apesar de trancado na cela, a mesa estava coberta de papéis com poemas escritos à mão, numa letra elegante, quase sem emendas.

— É o que lhe vale — concluíram.

Todos achavam revoltante que um homem como aquele estivesse preso, a menos que fosse autor de um crime, o que lhes parecia muito pouco provável. Gonçalo hesitou, mas decidiu falar-lhe com franqueza.

— Nós queremos muito tirá-lo daqui, mas ainda não sabemos como. Estamos dispostos a ir falar com quem manda e dar os recados que lhe pareça que

---

<sup>2</sup> Versos de cantiga, *Obras completas de Luís Vaz de Camões*, II volume, *Lírica*. Org. Maria Vitalina Leal de Matos, E-Primatur, 2022, p. 107.

podem ser úteis. Mas antes, precisamos de saber por que motivo o prenderam.

A reação assustou-os por ser muito violenta:

– Prenderam-me porque fazem leis idiotas e, à conta dessas leis, perseguem quem lhes apetece — berrou em fúria.

Erguera-se e agora passeava na cela de um lado para o outro como um urso enjaulado.

– O que é que eu fiz? Poemas! P-o-e-m-a-s!! De brincadeira, a gozar, porque sou capaz de transformar tudo em poesia, sabem? Amor, paixão, coragem, glória, mas também a cobiça, a inveja, a maldade. Tudo o que sinto e tudo que vejo se transforma no meu cérebro em poesia. E o muito que tenho visto por cá, merece críticas. Foi isso que eu fiz. Críticas. Porque há muita gente a roubar quanto pode e quem está aqui ao serviço do rei devia impedir tal roubalheira. Mas, em vez disso, até ajudam ou fingem que não dão por nada!

O sangue subira-lhe ao rosto e a indignação fazia brilhar o seu único olho.

– É incrível o que se passa por cá! Incrível! Não pude suportar e reagi...

– Denunciou gente importante, foi?

– Sim, mas não fiz nenhuma queixa. Escrevi versos a falar do assunto, versos brincalhões, sem incluir nomes. E nem os assinei.

Estacou a meio da sala e recitou muito sério:

*A vós que sois secretários  
das consciências reais  
[...]  
porque não pondes um freio  
ao roubar que vai sem meio  
debaixo de bom governo?*<sup>3</sup>

Depois olhou para eles a indagar:

– Isto ofende alguém? Ofende, claro, mas só a quem sabe que rouba ou quem deixa roubar.

Um suspiro fundo ajudou-o a tomar fôlego e recitou de novo:

*Os bons vi sempre passar  
No mundo graves tormentos;  
E, para mais me espantar,  
Os maus vi sempre nadar  
Em mar de contentamentos.*<sup>4</sup>

Respirou de novo, pestanejou e prosseguiu:

– Ou seja, quem não faz mal nenhum, trama-se. Aos maus, que se aproveitam e metem ao bolso o que não lhes pertence, não acontece nada. Vivem num mar de contentamento.

---

<sup>3</sup> Versos de redondilha, Disparates da Índia, *Obras Completas de Luís Vaz de Camões*, II volume, *Lírica*. Org. Maria Vitalina Leal de Matos, E-Primatur, 2022, p. 138.

<sup>4</sup> Versos de redondilha, Disparates da Índia, *Obras Completas de Luís Vaz de Camões*, II volume, *Lírica*. Org. Maria Vitalina Leal de Matos, E-Primatur, 2022, p. 139.

De repente, parecia cansado, triste, abatido. Voltou a sentar-se e ainda acrescentou:

– Também houve o caso do jogo de canas, sabem? Se calhar não sabem, mas eu explico, querem?

Acenaram que sim e ele lá lhes contou.

– Aqui na cidade é costume fazerem-se sempre festas quando chegam navios de Portugal, ou navios que foram lutar por aí nas terras do oceano Índico. E também se festeja sempre a chegada de um novo governador ou de um novo vice-rei. Para essas festas, organizam-se jogos, tipo torneios.

– Torneios?

– Sim, aquelas lutas a cavalo, com lanças, para se ver qual é o cavaleiro mais forte. Perde o que cai primeiro. Sabem o que é, não sabem?

– Ah! Sabemos, sim.

– Pois aqui, nas festas há jogos do mesmo género, mas em vez de lanças usam-se canas. É uma espécie de teatro a imitar os verdadeiros torneios. Eu escrevi poemas a gozar com aquela teatrada. Ou seja, troça! Fiz aquilo a que se dá o nome de sátiras. Versos a gozar, o que é proibido por lei. Quem se atreve a dizer mal das excelências, quem se atreve a criticar, é preso!

– E não sabia isso?

– Sabia, claro. Para evitar problemas não incluí nomes, nem assinei os poemas.

Suspendeu a frase e olhou-os um instante com uma expressão entre o riso e a tristeza.

— Os meus poemas até podiam ter passado despercebidos, só que eram muito bons e tinham tanta graça, que as pessoas copiaram-nos para não esquecerem, aprenderam-nos de cor e repetiam-nos em toda a parte, no gozo. Ou seja, tramei-me por ser um grande poeta! Os nobres ficaram furiosos comigo, queixaram-se, o vice-rei mandou-me prender.

Baixara a cabeça, aparentemente desanimado, quando a porta da cela voltou a abrir-se e entrou um guarda, desta vez o mais velho, que lhes parecera ser o chefe. Trazia um papel na mão e obviamente preparava-se para transmitir uma notícia importante.

Aguardaram que se manifestasse em silêncio. E o guarda tomou a palavra em tom solene.

— Luís Vaz de Camões, sabes o que estes amigos te trouxeram? Sorte. Muita sorte.

Agitou-lhe o papel na frente da cara e declarou, pomposo:

— Recebi ordens superiores para te soltar. Vê. Estão aqui. Recolhe as tuas coisas e vai para casa antes que o vice-rei mude de ideias!

Alegria espalhou-se pela cela e desencadeou ondas de abraços e de risos!

— Que bom, que bom, repetiram as raparigas na maior felicidade, antes de deitarem mão aos livros, aos mapas, ao monte de papelada e às outras peças que o prisioneiro tinha na cela para o ajudarem a arrumar tudo e a sair dali o mais depressa possível. Ele agradeceu imenso, mas não lhes confiou o monte das

folhas que estava sobre a mesa com versos que fizera para *Os Lusíadas*. E explicou:

– Não levem a mal, mas desta obra não me separo.

Guardou as folhas numa caixa de madeira com tampa, meteu-a debaixo do braço e precipitou-se escada abaixo a explodir de felicidade.

## CAPÍTULO V

# Jantar poemas?

**A** notícia da libertação de Camões correu de boca em boca a uma velocidade incrível. Pouco depois, já a cidade em peso sabia e a maior parte das pessoas festejava, pois havia muita gente que gostava dele.

Alguns amigos esperavam-no à porta de casa e fizeram grande algazarra quando o viram chegar.

– Luís, Luís, que bom ter-te de novo connosco!

– Bem-vindo, Camões!

– Ah, grande poeta, como sentimos a tua falta!

Houve quem ousasse criticar abertamente quem o tinha mandado prender, mas ele próprio os aconselhou.

– Parem com isso, se não daqui a nada vamos todos dentro!

– Tens razão, anda mas é daí para os copos!

– Ou jogar uma partida de cartas, para descontrair.

– Isso fica para amanhã. Agora preciso de descanso, preciso de me recompor. Mas prometo preparar uma surpresa para a próxima semana. Quando estiver tudo pronto, mando recado.

Prometera e não faltou. Na semana seguinte, Camões convidou-os aos três e a cinco amigos para um jantar na sua casa. Todos aceitaram.

À hora marcada, apresentaram-se, ansiosos pelo alegre convívio, que se torna sempre mais fácil quando inclui uma refeição. Mas o que encontraram nos pratos, não foram petiscos, foram versos que Camões escrevera para anunciar que, não tendo comida e bebidas para oferecer, lhes oferecia poemas. E bem engraçados. Avisava desde logo que se não quisessem passar fome, o que deviam fazer era voltar para o sítio de onde tinham vindo, porque ali não havia nada que comer.

*Se não quereis padecer  
uma ou duas horas tristes,  
Sabeis que haveis de fazer?  
Volveras por do venistes [voltai para onde vieste]  
que aqui não há que comer.<sup>5</sup>*

Cada convidado recebeu dez versos, todos acharam graça, foi uma risota!

A noite foi especial, sobretudo para os três viajantes do tempo, que tiveram oportunidade de verificar que o grande poeta, autor de uma obra tão rica, tão extraordinária como *Os Lusíadas*, em que, além do enorme

---

<sup>5</sup> Versos de redondilha, Convite, *Obras completas de Luís Vaz de Camões*, II volume, *Lírica*. Org. Maria Vitalina Leal de Matos, E-Primatur, 2022, p. 132.



talento revelava uma espantosa sabedoria era homem brincalhão, divertido, capaz de usar a sua arte para fazer partidas. Adoraram-no por isso e muito conversaram depois sobre tudo aquilo a que tinham assistido desde o momento em que conheceram Camões em pessoa. A altas horas da madrugada, reunidos no claustro do convento que lhes dera guarida repetiam felizes.

– Que sorte que temos!

– Que experiência fantástica!

No entanto, inquietavam-se e por motivos contraditórios. Por um lado, receavam que a experiência estivesse a chegar ao fim e, se fosse o caso, teriam pena. Mas, por outro lado, como nunca mais tinham contactado com o Mercúrio, receavam não conseguir voltar às suas casas e ao século a que pertenciam. Acerca disso não falaram abertamente para não se afligirem uns aos outros.

– Será que a nossa missão já está concluída?

– Porque é que dizes isso?

– Porque, se calhar, o que nos estava destinado era acompanhar Luís de Camões na hora em que o libertaram da prisão.

Helena discordou.

– Não pode ser, Gonçalo. O Mercúrio disse-nos que tínhamos de ajudar o Luís. Ora nós não ajudámos. Ele foi libertado por ordem do vice-rei.

– Talvez ajudar fosse maneira de falar. Ajuda pode ser apoio amigável num momento importante.

– Sair da cadeia é importantíssimo.

- Pois é. Mas não acredito que nos atirasse para o outro lado do mundo e para outra época só para lhe fazermos companhia.
- Tens razão. Palpita-me de que vamos ter de continuar por cá mais algum tempo.
- Também a mim, Helena. Mas por quanto tempo?
- E a fazer o quê?
- Sei lá!
- Ai Mercúrio, Mercúrio! — suspirou a Joana. Instintivamente levou a mão ao porta-chaves que trazia pendurado ao pescoço e distraidamente afagou-o com a ponta dos dedos. No mesmo instante, o jardim encheu-se de névoas esbranquiçadas e espalhou-se pelo ar a musiquinha suave, ondulante como a das flautas que ouviram pela segunda vez. O porta-chaves aqueceu e... e no minuto seguinte a figura inconfundível de Mercúrio, com as suas pequenas asas nos pés e no capacete, esvoaçava na frente deles. De novo o olharam como que hipnotizados e apesar de estarem ansiosos por lhe falarem, nenhum deles conseguiu articular palavra. E não foi preciso pois para Mercúrio, pelos vistos, não tinham segredos.
- Não se assustem — recomendou. — Mas sou obrigado a dizer-vos que o apoio ao Luís na hora em que recuperou a liberdade foi apenas a primeira etapa da vossa missão. E certamente muito agradável...

Eles limitaram-se a acenar que sim e continuaram em silêncio à espera de novas instruções, de novas ordens, que não se fizeram esperar.

- Durmam descansados. Não pensem em nada, não façam projetos nem antecipem dificuldades imaginárias, está bem?
- Está — balbuciam, engasgados com as respostas às perguntas que não tinham feito.
- O que vos espera é outra viagem. Agradeçam aos monges a hospitalidade e digam-lhes que têm de partir antes de o Sol nascer.
- E partimos?
- Sim. Mas tal como foram projetados para aqui, para a Índia, vão ser de novo transportados para bem longe, sem darem por isso.
- A... e nunca mais vemos o Camões?
- Veem, sim. Vão encontrá-lo noutra fase da sua vida.
- Onde?
- Na China.
- Mas em que lugar aterramos?
- Num lugar muito especial.

Prolongara a palavra «muuuuito», e fixou calado um instante com ar tão sério e misterioso que lhes despertou grande curiosidade. Na ânsia de adivinharem o que diria a seguir, observaram-no com atenção.

«Mercúrio pode ser um deus, mas também é um belo homem», pensaram as raparigas.

«Está com uma expressão brincalhona», pensou o Gonçalo, «aposto que vai manter o suspense.»

- Diga lá onde vamos — pediu a Joana.
- É mais engraçado descobrirem quando já lá estiverem!

A expressão alterou-se, agora parecia sobretudo divertido por saber que ia proporcionar-lhes mais uma experiência inesquecível.

— Se não diz para onde vamos, ao menos diga o que devemos fazer quando lá chegarmos.

— Subam a colina de Patane — foi a resposta pronta —, é lá que reencontram o poeta.

Gonçalo pestanejou e deu voltas à cabeça a tentar lembrar-se se alguma vez lera a palavra «Patane» num mapa-mundo, Helena queixou-se.

— Se tivéssemos trazido os telemóveis, víamos na internet onde fica Patane.

— Que ideia, menina! Na época em que estamos não só não havia nada disso como não passava pela cabeça de ninguém que pudesse haver. Mas não se preocupem, porque quando chegarem ao destino logo encontram o caminho para a colina de Patane.

Joana reagira mal àquele projeto porque nunca gostara especialmente de imprevistos. O medo insinuara-se, apetecia-lhe voltar para casa, trancar-se no quarto e recordar em sossego tudo o que se tinha passado. Ainda aventou a hipótese de pedir que a dispensassem de continuar, mas como Gonçalo estava de olhos brilhantes e entusiasmadíssimo com a ideia de ir à China, preferiu não dar parte de fraca.

A estranha viagem que Mercúrio lhes proporcionara tinha-a tornado ainda mais próxima e amiga de Helena. O problema é que o interesse pelo Gonçalo não

se desvanecera e tinha esperança de que ele a preferisse. O que na verdade era um incómodo.

«Quando a amizade se mistura com rivalidades amorosas, que complicação!», pensou. «Mas que hei de fazer? Sou amiga de Helena, gosto do Gonçalo, não está na minha mão alterar isto...»

Observou os outros dois disfarçadamente e teve a certeza de que Helena não ia pedir dispensa. Imaginá-los sozinhos na China, deixou-a ciumenta.

— Se me afasto, estou tramada.

Aqueles pensamentos incomodavam-na, para se ver livre de incómodos, decidiu.

— Se ele me escolher a mim, fico contente, mas se a escolher a ela, tento esquecer e acho que acabo por aceitar.

Passou a mão pela testa, que sentiu húmida de transpiração.

«Não admira que esteja a suar, porque a noite está quente, quentíssima», pensou e, decidida a afastar de si tudo o que a perturbava naquele momento, concentrou-se numa questão climática.

— Talvez na China esteja mais fresco!

Foram, portanto, os três despedir-se dos monges e prepararam-se mentalmente para mais um salto no espaço e no tempo. Não sabendo ao certo onde iam acordar, custou-lhes bastante a adormecer.

## CAPÍTULO VI

### Onde estariam?

O despertar foi a bordo de um pequeno veleiro ancorado na margem de um rio de águas calmas onde circulavam muitos outros barcos. A maioria das velas era retangular, feitas com panos vermelhos ou amarelados. Quando enfunadas pelo vento todas formavam uma espécie de gomos muito engraçados. O conjunto emprestava cor à leve cortina de nevoeiro que naquele dia envolvia a paisagem.

- O Mercúrio pelos vistos gosta de navegar — comentou o Gonçalo —, manda-nos de um lado para o outro, mas vamos sempre parar a um barco!
- É natural — gracejou Helena. — Se ele foi um dos deuses que ajudou Vasco da Gama, especializou-se em viagens marítimas.

Desta vez, não tiveram dificuldade em desembarcar e puseram-se em marcha. Nenhum deles se sentia cansado, gostaram das roupas de seda brilhante que agora envergam e se pudessem até teriam pedido ao Mercúrio que lhes permitisse ter cabelos pretos lisos e olhos ameados para se parecerem com os chineses.

- Sinto-me bem cá por estas bandas.

- Também eu.
  - O pior vai ser falar com as pessoas, porque não sabemos a língua.
  - Pois não. Mas quando nos cruzarmos com alguém, tentamos dizer Patane muito devagar, separando as sílabas e talvez nos percebam.
  - Boa ideia.
  - E não temos outra hipótese — reclamou a Joana. — O Mercúrio podia muito bem ter resolvido o problema de comunicação.
  - Como?
  - Se pode transportar-nos para onde quer, quando quer, sem dificuldade nenhuma e até nos veste roupas iguais às das pessoas de cada terra, podia perfeitamente pôr-nos a falar chinês na perfeição.
- Os outros riram-se.
- Isso tornava tudo mais fácil!
  - E porque não?
  - Sei lá.
  - Vamos mas é em busca de portugueses, porque se o Camões cá está não deve ser o único.
- O primeiro português com quem se cruzaram foi um padre muito novo, de grandes olhos claros e pestanudos, que envergava túnica preta até aos pés com botões pequeninos de cima a baixo. Usava barba, tinha um ar simpático e acolheu-os com naturalidade porque nessa manhã chegara um navio de Goa.
- Mais três compatriotas que chegam aqui a Macau! Fizeram boa viagem?

– Sim, sim balbuciaram em coro.

– Vieram ter com familiares?

Eles ficaram atrapalhados por não saberem o que responder. Mas Gonçalo lá se desenvencilhou.

– Viemos trabalhar com um tio que ainda está a bordo a tratar da carga.

Helena interveio:

– Enquanto esperamos que ele desembarque, gostávamos de visitar um amigo nosso, que está aqui a viver.

Joana acrescentou:

– Chama-se Luís de Camões. Conhece?

– Claro que conheço.

– Sabe onde ele poderá estar a esta hora?

– Não tenho a certeza, porque ele tem um cargo que às vezes o obriga a deslocações.

– Qual é o cargo?

– Provedor dos defuntos.

A resposta gelou-os!

– Defuntos significa mortos, não é? — perguntou a Joana.

– Sim, claro.

– Então mandaram-no da Índia para a China para ele fazer enterros?

– Acho incrível! Trataram-no tão mal!

O padre soltou uma gargalhada, mas depois explicou.

– Não o trataram mal, neste caso trataram-no bem.

O cargo é importante e permite ganhar bom dinheiro.

– A fazer o quê?

– Um trabalho de grande responsabilidade. Vocês sabem que vivem aqui em Macau umas centenas de

portugueses, não sabem? — Eles não sabiam, mas acentaram que sim. — Pois bem — continuou o padre —, muitos dedicam-se ao comércio, fazem bons negócios, são ricos.

- E então?
- Quando algum deles morre, o provedor tem de fazer uma lista do que lhe pertencia, vender tudo e guardar muito bem o dinheiro para depois entregar à família do morto.
- Como?
- Pessoalmente. O provedor só cá fica um certo período de tempo, quando termina funções, ou volta para Goa ou para Portugal. Leva o dinheiro com ele e entrega-o aos herdeiros em mão ou através de mensageiros. Como certamente compreendem, isto dá muito trabalho, que só pode ser feito por pessoas que saibam ler e escrever, que conheçam as leis e que sejam de confiança. É um cargo importante, e bem pago.
- Quem paga?
- O rei de Portugal, ou melhor, a coroa portuguesa paga uma parte porque se trata de um emprego público. Mas o provedor tem direito a receber também uma percentagem da herança. Ou seja, e em resumo: o provedor dos defuntos ganha bem.
- O Camões está rico?
- Rico não estará, mas aqui vive sem dificuldades. Se não gastar demasiado, pode juntar uma boa quantia para levar com ele quando for embora.

A informação só podia alegrá-los, pois na Índia custara-lhes imenso vê-lo na cadeia, triste, mal vestido e sem ter nada senão livros. E também lhes tinha custado que a casa dele fosse minúscula, quase sem móveis e sem conforto nenhum. Se ali em Macau tudo lhe corria bem, tanto melhor! Ansiosos pelo encontro, pediram ao padre que lhes dissesse onde deviam procurá-lo.

– Talvez na colina de Patane. Há lá uma espécie de gruta onde o Camões gosta de trabalhar.

– Ele escreve numa gruta?

– Não é uma gruta, são pedregulhos, mas vocês quando lá chegarem, logo veem.

– Temos de andar muito?

– Nem por isso. Em Macau não há nada que seja muito longe. Sigam por aqui... virem além...

Esbracejando à direita e à esquerda, lá lhes indicou o percurso para o lugar que pretendiam.

A atmosfera estava carregada de humidade e fazia bastante calor. A ansiedade também não ajudou, escorriam suor quando subiram a colina de Patane. Tinham ensaiado gestos para perguntarem onde ficava a gruta, mas não o poderiam fazer porque não andava ninguém nas imediações. E não foi preciso, porque ao avistarem dois penedos enormes que se erguiam lado a lado com um outro penedo por cima, a servir de cobertura, perceberam que tinham chegado onde queriam.

Quando viram o poeta, suspenderam a marcha e ficaram a observá-lo carinhosamente.

Luís de Camões estava sentado naquilo que lhes pareceu ser um caixote grandinho. E de facto escrevia, debruçado sobre um caixote maior. Tinha consigo papéis já cobertos de poemas e papéis ainda em branco à espera de vez para acolherem as ideias, as notas, os versos maravilhosos que compusesse ali mesmo. Muitos seriam os artistas a imaginar e a pintar aquela cena nos séculos seguintes, mas eles os três viam-na ao vivo, que emoção!

Camões não se apercebeu logo da presença deles porque estava mergulhado numa tarefa absorvente e sublime que consistia em aperfeiçoar, «afinar» os versos de *Os Lusíadas*.

Chegando perto, verificaram que ele se debruçava precisamente sobre o episódio de *Os Lusíadas* em que Mercúrio aparece a Vasco da Gama em sonhos para lhe dizer que fuja do sítio onde está porque o rei daquela terra é malvado e prepara-lhe uma cilada.

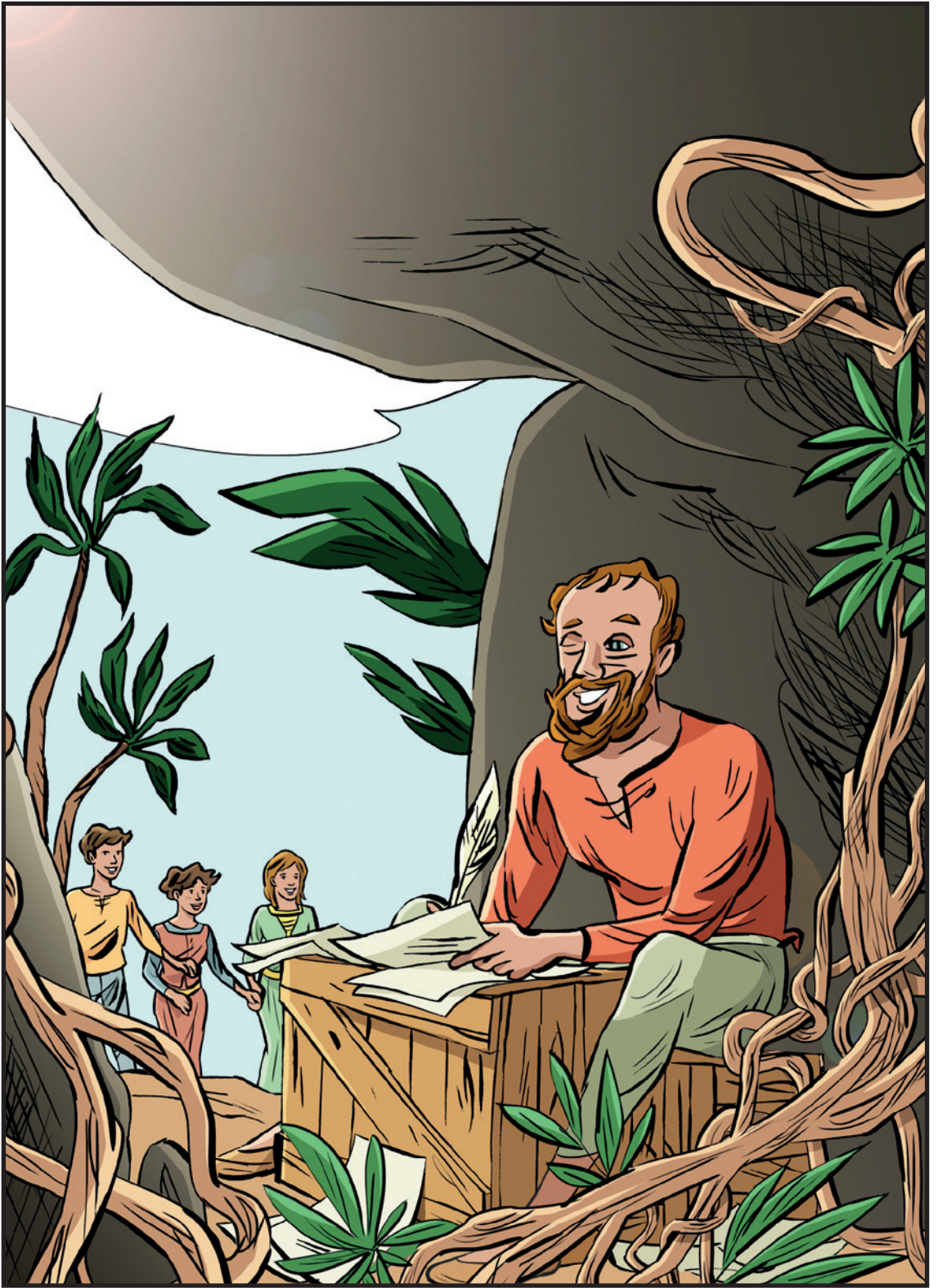
*Quando Mercúrio em sonhos lhe aparece,  
Dizendo: «foge, foge, Lusitano»,  
Da cilada que o Rei malvado tece,<sup>6</sup>*

Tinham tentado não fazer barulho para não o interromperem, mas Camões ouviu-os, virou-se, reconheceu-os e ficou espantado.

— Vocês estão cá? Quando é que chegaram?

---

<sup>6</sup> *Os Lusíadas*, Luís de Camões, Canto II, estância 61.



Levantou-se, abraçou-os, fez-lhes imensa festa.

– Hoje mesmo.

– E viemos logo procurá-lo.

– Pois foi. Nem quisemos saber de mais nada.

– Que simpáticos! Eu também tinha saudades vossas! Nunca vos esqueci. É tão bom encontrar amigos quando estamos longe de casa! É uma alegria sem limites, sem tamanho. Primeiro na Índia, agora na China, ou lá onde for, basta sermos portugueses para nos considerarmos vizinhos.

Felicíssimo, remexeu nos papéis e mostrou-lhes uma página.

– Vejam lá que até no livro a que dei o nome de *Os Lusíadas* escrevi versos sobre a alegria de um encontro como o nosso. Ora leiam aqui no Canto VII estes dois versos:

Quem leu foi a Joana.

*Que alegria não pode ser tamanha*

*Que achar gente vizinha em terra estranha.*<sup>7</sup>

– Gostam?

– Claro que gostamos!

Gonçalo esteve quase, quase, e dizer «gostamos de tudo o que fez», mas lembrou-se a tempo de que naquela altura a obra de Camões ainda não tinha sido publicada e mudou de assunto.

---

<sup>7</sup> *Os Lusíadas*, Luís de Camões, Canto VII, estância 27.

– Parece que a vida lhe corre melhor por cá, não é?  
– É verdade, sim. De Macau só posso dizer bem. O clima, na minha opinião, é mais agradável do que na Índia. Os portugueses que cá estão têm os seus próprios negócios, não podem perder tempo com intrigas e não andam a roubar o dinheiro que pertence à coroa portuguesa. Eu gosto de conviver, gosto de beber, de jogar, de me divertir, mas odeio intrigas, má-língua, roubalheira. E também odeio guerras inúteis. Na Índia, fui obrigado a participar em várias, mas aqui o problema não existe. O imperador da China autorizou os portugueses a instalarem-se em Macau, e o que todos temos a fazer é cuidar da nossa vida. Gosto muito de cá estar, mas o que é bom, acaba depressa. Recebi ordens para ir embora, vou ser substituído.

– Que pena!

– Pois é, e por vários motivos, sabem? Um desses motivos tem nome... nome de mulher.

Desta vez foi a Helena que esteve quase a dizer de chofre: «Nós sabemos é Dinamene». Mas conteve-se e travou a língua.

Camões tinha começado a arrumar os papéis e desafiou-os.

– Venham conhecer a minha amada e a minha casa. Se quiserem podem ficar connosco esta noite.

– Obrigadíssimo.

– Então está resolvido. Deixem-me só pôr ordem na papelada e guardar estas coisas. São os meus tesouros.

Apontou as folhas, o tinteiro, as penas de pato, o punhal que usava para as afiar. A seguir, bateu na testa e disse:

– Mas o maior tesouro, a maior riqueza, está aqui, na minha cabeça!

Sorria, obviamente satisfeito com o que tinha escrito e com o que tencionava escrever.

– Enquanto arrumo as coisas, aproveitem para ver os campos em redor e o extraordinário rio que os atravessa, o rio das Pérolas. É uma paisagem de sonho, que acalma e inspira. Se não repararam em nada à vinda reparem agora em tudo, que vão ficar maravilhados.

O conselho era bom, saíram da gruta com os olhos bem abertos e ficaram encantadíssimos.

A tarde caía e o sol declinava emprestando um tom dourado às águas do amplo, sereno e até talvez majestoso rio das Pérolas. Dali não avistavam só campos, avistavam ilhas, várias ilhas, cobertas de verdura. Barcos eram às dezenas, alguns ainda na faina da pesca, outros já de volta ao porto, onde grande era a faina de homens e mulheres a recolherem velas, a puxarem as redes, a empilharem sacas, ou cestos para voltarem a casa antes de anoitecer. E tudo aquilo transmitia a agradável sensação de paz que resulta da rotina diária.

– Gosto de Macau.

– Também eu. É um lugar bonito onde se vive bem – disse Camões que, entretanto, se lhes juntara.

– Tenho muita pena de me ir embora.

Tinha ficado estático, a contemplar a paisagem, e respirou fundo antes de os interpelar de forma um pouco brusca.

– Preciso que me façam um favor.

– Se pudermos fazer o que quer, conte connosco.

– Ótimo.

– Mas do que se trata?

– Conto-vos pelo caminho.



## CAPÍTULO VII

### Dinamene

A maioria dos chineses, e alguns dos portugueses que se tinham instalado em Macau naquela época, viviam em barcos. Mas já havia casas, em geral de madeira ou feitas de tijolos de barro seco, cobertas de palha, todas pequenas e simples. No entanto, também já se tinham construído algumas melhorzinhas e cobertas de telhas. Camões vivia numa dessas casas e para lá os levou.

— Entrem, entrem no meu palácio!

Batera à porta com os nós dos dedos, certamente só para avisar da chegada e esperou que a sua companheira aparecesse para os receber. E ela apareceu. Baixa, magrinha, elegante, de pele muito clara, cabelo e olhos muito escuros, mais parecia uma boneca de porcelana. Sorrindo ao de leve, adquiriu uma expressão doce e engraçada que lhe acentuou a boca vermelha e o amendoado dos olhos.

Camões apresentou-a.

— É a Dinamene.

Talvez ali não fosse costume as pessoas saudarem-se com apertos de mão, pois ela limitou-se a baixar a cabeça e continuou de braços caídos ao longo do corpo. Fitava-os curiosa, lá lhe disseram os nomes, tendo o cuidado

de separar as sílabas para que os entendesse. Só que ela já aprendera português, ou melhor, o português suficiente para comunicar.

— Esperem um bocadinho — pediu —, vou lá dentro preparar a comida.

Enquanto ela estava ausente Camões desatou a falar dos seus projetos.

— Tenho pena de me ir embora, mas enfim, paciência. Mandaram-me regressar a Goa e estou com esperança de arranjar dinheiro para voltar a Lisboa onde penso publicar os meus poemas. E talvez consiga que o rei recompense finalmente os serviços que lhe prestei aqui pelo Oriente. E como escrevi *Os Lusíadas*, que é uma obra fantástica em que elogio os antepassados dele e muitos heróis portugueses de famílias notáveis, talvez me recompense também por isso. Ou seja, estou convencido de que em Lisboa vou fazer sucesso, que a vida me vai correr da melhor maneira possível. Que vos parece?

— Sim, claro — gaguejaram atrapalhadíssimos e tentando disfarçar a tristeza infinita que lhes invadira o coração. Porque sabiam que nada se passaria como Luís de Camões desejava e sonhava!

Nas aulas da professora Violante já se tinham indignado por saber que aquele extraordinário poeta não fora admirado e festejado como merecia enquanto era vivo. E parecera-lhes inacreditável que o rei D. Sebastião tivesse reagido com indiferença a uma obra-prima como *Os Lusíadas*. Agora, depois de terem conhecido Luís de

Camões pessoalmente, indignavam-se ainda mais, revoltavam-se.

«Se pudéssemos mudar a História!», pensavam os três.

Para desanuviar, Gonçalo perguntou:

– Afinal, qual era o favor que nos queria pedir?

A resposta deixou-os consternados.

– Quero levar a Dinamene comigo para Goa e depois para Portugal. E gostava que me ajudassem a convencê-la.

– Ela não quer ir?

– Hesita. Diz que gosta muito de mim, mas tem medo da viagem. Gosta muito de mim, mas também gosta dos pais, dos irmãos, dos avós. Diz que me adora, mas que a China é a terra dela. Pede-me que fique o que não posso fazer porque aqui, a única maneira de um português ganhar a vida por conta própria, é dedicar-se ao comércio e eu não tenho jeito nenhum para comprar ou vender seja o que for. A minha vocação é a escrita, e não sei escrever em chinês. Bom, ajudam-me a convencê-la?

– Podemos tentar.

Sabiam que no regresso a Goa o navio onde viajava Camões ia naufragar, junto à foz do rio Mekong. Sabiam que Camões se salvaria e salvaria *Os Lusíadas*. E também sabiam que Dinamene nunca mais aparecera, nem viva nem morta. Talvez não tivesse morrido no naufrágio porque afinal não embarcara!

– Se calhar nunca encontraram o corpo dela, porque não quis deixar a família e a terra onde nasceu!

Gostariam de ter conversado a sós para partilhar tudo o que lhes ocorrera a respeito daqueles assuntos, mas pouco depois, sentados à mesa com o casal, a única coisa que puderam fazer foi deliciarem-se com peixe, marisco e bolinhas de arroz servidos em tijelas de loiça fina. A destreza que revelaram na utilização de pauzinhos em vez de talheres, causou espanto, mas não puderam explicar que tinham imensa prática porque no século XXI, em Portugal, não faltavam restaurantes chineses, onde iam com frequência.

Ao serão, o assunto «viagem veio à baila» e não tiveram outro remédio se não participar. O que fizeram de forma bizarra pois de modo nenhum queriam ser eles a influenciar Dinamene na decisão que a levaria à morte. E assim, o diálogo evoluiu de forma estranha.

- Viajar é ótimo — dizia um — porque permite conhecer outras terras e outras gentes.
- Terras? — dizia outro. — Longe da costa só se vê mar e céu!
- Mas é agradável. O vento marítimo tem um saborzinho delicioso, a sal.
- Quando não se está enjoado, porque quando se enjoa tudo sabe a estômago.

Camões tentou desesperadamente fazê-los perceber que assim não conseguiam o efeito pretendido, mas eles fingiram que não perceberam. Felizmente alguém bateu à porta, era um padre que vinha anunciar a morte de um tal Ezequiel Ribeiro, negociante de sedas e de loiças, que tinha arrecadado uma verdadeira fortuna em pouco tempo.



— E não deixou descendentes! Veja lá, Luís, um homem tão rico, sem mulher, nem filhos, nem sobrinhos a quem deixar o que ganhou!

Camões sobressaltara-se, porque sendo assim, teria direito a receber uma parte da riqueza acumulada por Ezequiel.

— Tem de vir comigo — disse o padre. — Ou melhor, eu sigo para a igreja, onde está o corpo do Ezequiel, para lhe cuidar da alma. E você segue para o armazém onde está a mercadoria que lhe pertencia, para lhe cuidar dos bens materiais, que agora no outro mundo de pouco lhe hão de servir.

— Está bem, vou já. Mas de que é que ele morreu?

— De cólicas. Uma cólica fatal. Mas cá para mim, o que lhe foi fatal foram os vícios. Ou seja, vinho com farfura, talhas de vinho que vêm nas naus portuguesas como lastro, e aguardente de arroz que é feita aqui, tudo bebia em grande quantidade e a toda a hora. Se o dia lhe corresse bem, despejava garrafas para festejar a boa sorte. Se lhe corresse mal despejava outras tantas para se consolar. Enfim, deu cabo da saúde. Mas vamos ao que interessa, que se faz tarde.

Saíram os dois. Dinamene ficou à mesa com as visitas.

Ansiosos por falarem à vontade, bocejaram longamente, disseram que estavam com sono e foram estender-se no único compartimento disponível, em cima de umas enxergas colocadas lado a lado no chão. Mal ela virou costas, sentaram-se e bichanaram em segredo as suas aflições.

— Que fazemos, que fazemos?

– Não sei.

– Nem eu, mas o Mercúrio chamou-nos para ajudar-mos o Luís. Luís de Camões, claro.

– Em quê exatamente?

– Aí é que está o problema, porque não nos explicou.

De súbito, os porta-chaves iluminaram-se e ressoou no aposento a musiquinha do costume.

– Vem aí o Mercúrio!

– Ainda bem!

A figura atlética e elegante desta vez trazia um capacete dourado com asas maiores do que o habitual e sandálias com tiras que lhe subiam até meio da perna. Pareceu-lhes contente, e de facto estava. Em vez de o deixarem falar, massacraram-no com perguntas, com dúvidas, com pedidos, que se resumiam a dois.

– Qual é afinal a nossa missão?

– Ajudar o Camões a salvar *Os Lusíadas* ou salvar a Dinamene de morrer afogada?

Repetiram as mesmas frases até à exaustão, com pequenas variações.

Mercúrio sorria-lhes, mas sem responder. E eles embalaram a pedir:

– Se ela embarcar, por favor salve-lhe a vida.

– Por favor, por favor – insistiu Helena.

Mercúrio continuou calado durante algum tempo, mas acabou por lhes apresentar um dilema.

– Olhem lá, já pensaram que se a Dinamene não tivesse morrido, Camões provavelmente não teria escrito aqueles magníficos poemas?

- Quais?  
– Não sei todos de cor, mas sei o princípio de um —  
disse a Joana —, ora ouçam:

*Ah! Minha Dinamene! Assim deixaste  
Quem não deixara nunca de querer-te. [...]*<sup>8</sup>

Recitara com emoção e emocionou-os porque eram frases sentidas e porque sabiam em que circunstâncias Camões as escrevera.

- E há mais — disse o Mercúrio.

Baixou a voz e declamou no tom de quem lamenta a morte de uma pessoa querida, atormentado pelas saudades.

*Quando de minhas mágoas a comprida  
Maginação os olhos me adormece,  
Em sonhos aquela alma me aparece  
Que pera mim foi sonho nesta vida.*

*Lá numa saudade, onde estendida  
A vista pelo campo desfalece,  
Corro pera ela; e ela então parece  
Que mais de mim se alonga, compelida.*

*Brado: — Não me fujais, sombra benina!  
Ela, os olhos em mim c'um brando pejo,  
Como quem diz que já não pode ser,*

---

<sup>8</sup> Versos de soneto, *Obras completas de Luís Vaz de Camões*, II volume, *Lírica*. Org. Maria Vitalina Leal de Matos, E-Primatur, 2022, p. 216.

*Torna a fugir-me; e eu gritando: — Dina...  
Antes que diga: — mene, acordo, e vejo  
Que nem um breve engano posso ter.*<sup>9</sup>

Após uma breve pausa, ainda acrescentou:  
— Há um outro poema, ainda mais conhecido, que se julga ter sido dedicado à Dinamene. Vocês de certeza conhecem.

*Alma minha gentil, que te partiste  
Tão cedo desta vida descontente,  
Repousa lá no Céu eternamente,  
E viva eu cá na terra sempre triste.*

*Se lá no assento Etéreo, onde subiste,  
Memória desta vida se consente,  
Não te esqueças daquele amor ardente,  
Que já nos olhos meus tão puro viste.*

*E se vires que pode merecer-te  
Algũa cousa a dor que me ficou  
Da mágoa, sem remédio, de perder-te,*

*Roga a Deus, que teus anos encurtou,  
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,  
Quão cedo de meus olhos te levou.*<sup>10</sup>

---

<sup>9</sup> Soneto, *Obras completas de Luís Vaz de Camões*, II volume, *Lírica*.  
Org. Maria Vitalina Leal de Matos, E-Primatur, 2022, p. 217.

<sup>10</sup> Soneto — *Obras completas de Luís Vaz de Camões — II volume — Lírica*,  
Org. Maria Vitalina Leal de Matos, E-Primatur, 2022, p. 206

Como esse todos sabiam de cor, a r cita acabou em coro. Um coro de admiradores embevecidos.

– Que lhes parece?

– Que são poemas lindíssimos.

– A pergunta   se ainda fazem questão de salvar a Dinamene.

– Claro!

– E prescindimos destas obras de arte?

– Se fosse condi o, acho que sim, a vida   mais importante do que a arte.

– Muito bem. Mas não vale a pena preocuparem-se com a questão da Dinamene porque está resolvida há séculos.

– E como   que se resolveu?

– Talvez venham a descobrir isso sozinhos. Quanto a mim preciso   de vos preparar para a última parte da vossa missão, que não vai ser fácil. V o embarcar com o poeta no navio que sai aqui de Macau amanhã, rumo a Goa, com escala em Malaca.

– No navio do naufrágio?

– Sim!

Não puderam perguntar mais nada porque Mercúrio se desvaneceu no ar, o que os fez sentir muito sozinhos.

## CAPÍTULO VIII

### Adeus Macau!

No dia seguinte, quando chegaram ao cais, a primeira coisa que viram foi a nau gigantesca, de casco negro, onde viajariam com Luís de Camões. Estava ancorado ao largo, ainda com as velas recolhidas e mesmo assim impunha-se. Tornara-se o centro das atenções para quantos por ali andavam. E eram muitos, quase só homens, todos atarefadíssimos.

Os marinheiros já tinham subido a bordo e aguardavam a chegada do capitão. Debruçados na amurada, contemplavam a terra onde tinham permanecido algum tempo, e que muitos deixavam com saudades. Uma autêntica multidão de carregadores transportava sacos, sacas e caixotes a abarrotar de mercadorias, para dentro dos botes a remos que iam levando a carga para o porão da nau. Os passageiros, que eram poucos, esperavam sinal para embarcar. Entre eles, o poeta, sozinho e cabisbaixo, porque Dinamene não quisera acompanhá-lo. Aos seus pés empilhavam-se sacos de pano grosso e caixas de madeira em que arrumara os seus pertences. Reservara as duas maiores para acomodar moedas de ouro, prata e cobre que conseguira reunir com a venda

de bens de defuntos e que iria entregar aos herdeiros ou, se não existissem, aos funcionários do rei. A essas, fechara-as a cadeado.

Gonçalo e as amigas contemplavam o quadro de coração partido, pois sabiam que tudo aquilo iria parar ao fundo do oceano quando naufragassem. E olhavam Camões de soslaio, a tentarem perceber onde enfiara o tesouro que eram Os *Lusíadas* e vários outros maços de folhas com poemas.

– Leva-os naquele saco de pano cru.

– Como é que sabes, Helena?

– Sei, por causa do formato. Percebe-se perfeitamente que vão ali. Além disso, reparem, é o saco que ele não larga nem um minuto.

– Tens razão, sim.

Estava a chegar o capitão, toda a gente abriu alas para ele passar e o grupo sobressaltou-se porque vinha lá também Dinamene. Caminhava à pressa, com passinhos pequenos e de cabeça no ar. Um cesto pendurado no braço fê-los pensar que trazia um último petisco para oferecer na hora da despedida. Mas não, era um cesto com roupa. Afinal decidira largar tudo e acompanhar o poeta até ao outro lado do mundo.

Naquele tempo as pessoas não se abraçavam em público, mas percebeu-se perfeitamente que o encontro foi uma alegria imensa para os dois. Eles ficaram consternados porque sabiam o que os esperava, mas disfarçaram e agarraram-se com unhas e dentes à esperança de que Mercúrio, ou qualquer outro ser do

mundo surreal, a que ele pertencia, tivesse poder suficiente para salvar aquela linda rapariga de morrer afogada.

Quando o capitão autorizou os passageiros a embarcar, avançaram até ao bote que lhes foi indicado. Pouco depois, já empoleirados na escada de corda em que subiram para a nau, sentiram o estômago a encolher e uma onda de arrepios pela espinha acima.

— O que será que nos vai acontecer a nós, Helena?

— Não faço ideia, Joana.

Gonçalo ouvira-as e sossegou-as.

— Seja o que for que nos aconteça não morremos, porque não podemos morrer quinhentos anos antes de ter nascido!

A ideia divertiu-os e ajudou a que descontraíssem. Mais satisfeitos, encostaram-se à amurada de olhos postos nos barquinhos onde viviam famílias inteiras, nos pescadores que já andavam na faina da pesca, nas mulheres que usavam cestas penduradas em varas para recolher marisco. Estenderam a vista pelas águas calmas do rio das Pérolas e pelas colinas verdejantes de Macau, tentando localizar Patane.

— É ali, é ali! — garantira a Joana de braço estendido.

De tão longe, não era possível avistar a gruta onde tinham tido o privilégio de encontrar o famoso, famosíssimo Luís de Camões debruçado sobre a sua obra-prima. E tiveram saudades daquele momento.

— A nossa passagem por Macau foi breve, mas inesquecível!

— Exato. Levo as imagens, os cheiros, os ruídos, as impressões gravadas na mente para sempre.

— Também eu, não vou esquecer nada!

O vento soprava brando, enfunou as velas e a nau começou a afastar-se de terra. Debruçados no convés, mergulharam os olhos no azul do mar, a que o pôr-do-sol emprestava tons de ouro fino e de cor-de-rosa muito bonitos. E ali se deixaram ficar saboreando a leve brisa que lhes revolvía os cabelos e lhes depositava nos lábios o gosto do sal.

— Pelos vistos, pelo menos por agora vamos navegar com bom tempo!

— Pois vamos — disse um dos marinheiros que estava por perto —, mas a viagem é longa e os ventos do mar da China são traiçoeiros.

Olhava-os com um sorriso estampado na cara bolachuda e simpática. A expressão era típica de quem sabe do que fala, de quem já viajou muito.

— Ando embarcado há tanto tempo que os ventos não têm segredos para mim. Até os conheço pelo nome.

Erguera o braço direito e, com a mão aberta e o polegar recolhido, enumerou, esticando os outros dedos.

— Aqui, os mais importantes são quatro: Bóreas que sopra de norte. Noto que sopra do sul. Euro, que vem do leste. E Austro que considero irmão de Noto porque também sopra de sul. Todos malandros, todos capazes de nos ajudar a navegar e todos capazes de entrarem em fúria de repente e de nos tramarem sem dó nem piedade!



Obviamente satisfeito, gabou-se de reconhecer os sinais que anunciam tempestade.

— Acreditem em mim, porque cá o Samuel não mente.

Batia no peito, repetiu o nome.

— Sou o Samuel. Se precisarem de qualquer coisa, digam que eu gosto de ajudar e já percebi que vocês são marinheiros de primeira viagem. Mas agora tenho que ir. Vem aí o mestre, se me vê parado e na conversa, ralha.

Acenou-lhes e desandou a assobiar em direção à proa. Eles ficaram onde estavam, Camões e Dinamene juntaram-se-lhes pouco depois. Ela parecia triste, e ele tão contente que disse uma série de disparates em verso.

Nenhum deles lhes prestou grande atenção porque só ali, já rodeados de mar por todos os lados, se aperceberam de que o saco de pano que Camões não largava nem por um segundo, tinha sido uma má escolha.

Inquietos, trocaram olhares que transmitiam a mesma conclusão.

— Quando o barco naufragar e ele cair à água, se leva os poemas no saco de pano, os papéis ficam encharcados e os poemas desaparecem!

Aproveitando um momento em que o par trocou algumas palavras em voz baixa, conspiraram.

— Temos de fazer alguma coisa para impedir o desastre.

— Mas o quê?

— E a que propósito? Ele não sabe que vai naufragar.

- É sempre uma hipótese, não?
- É. Mas se falarmos nessa hipótese parece que estamos a anunciar desgraças.
- Não é preciso. Basta lembrar que se houver uma tempestade, as ondas podem varrer o navio e molhar o saco. Tenho a certeza de que fica horrorizado.
- E propomos o quê?
- Que mude os poemas para uma caixa de madeira, porque a madeira flutua.
- Achas que ele concorda?
- Acho. Mas temos de ser cautelosos, para não parecermos intrometidos.
- Tu é que tiveste a ideia, falas tu com ele e nós as duas damos força.
- Combinado.

Como havia tempo e a conversa seria delicada, resolveram esperar pelo dia seguinte.

A noite caíra, no céu limpo já brilhavam estrelas. A lua, reduzida a um gomo, parecia ter-se estendido a descansar no firmamento. O que os incentivou a estenderem-se também no convés e ali permaneceram um bom bocado em silêncio.

Ventos favoráveis permitiam que a nau seguisse viagem a bom ritmo, de modo que nada fazia supor o desastre que se avizinhava. Em todo o caso, era preciso agir e, vendo bem, quanto mais depressa melhor.

Quando amanheceu foram procurar o casal, pois pensavam poder contar com o apoio de Dinamene.

E não se enganaram.

— É boa ideia, sim. Despejamos o saco, tu escolhes uma das arcas onde tens a roupa e faz-se a troca. Nós ajudamos.

Não foi difícil convencê-lo, com cinco pares de mãos a trabalhar, depressa enfiaram os poemas na caixa e a roupa no saco. O único problema é que se tornava mais difícil ao poeta andar com a caixa ao colo. Mas nunca a perdia de vista, o que todos compreendiam e aprovavam.

## CAPÍTULO IX

# O naufrágio!

**E** finalmente chegou o dia em que surgiu uma pequena nuvem no horizonte, que rapidamente alastrou e foi escurecendo o céu. O vento, que soprava forte, tornou-se mais rijo e mudou de direção. A água do mar passou de azul a verde. O ribombar de mil trovões anunciou a tempestade, cada vez mais próxima!

Balançava a nau entre as ondas que se erguiam a alturas incríveis, gritavam os marinheiros, berrava o capitão.

— Amainem! Amainem!

Nenhum deles sabia o significado daquela palavra, mas tornou-se óbvio que se tratava da ordem para recolhê-las as velas. Os marinheiros apressaram-se a fazê-lo, só que os ventos enfurecidos tomaram a dianteira e rasgaram-nas de alto a baixo.

Vagas gigantes varriam agora o convés levando consigo o que encontravam pelo caminho. Dois passageiros, que não se tinham recolhido no porão, foram projetados borda fora e desapareceram entre tiras de espuma.

Nuvens negras sobrepunham-se de tal forma que ligavam o céu ao mar. Um relâmpago intenso e gordo

cortou os ares, seguiram-se-lhe muitos outros, numa autêntica chuva luminosa e tremenda, que deixou faíscas roxas espalhadas pela atmosfera.

Relâmpagos, chuva, ondas, gritaria, homens a dar à bomba para despejar a água, um horror! E o comandante aos berros:

– Deitem tudo à água para o navio ficar mais leve!  
Temos de salvar o navio e de nos salvarmos a nós.  
Carga ao mar! Carga ao mar!

Obedeceram, muitas coisas foram projetadas por cima da amurada, mas não foi possível evitar o pior. O navio estremecia, oscilava, vibrava, como se estivesse prestes a desfazer-se. Toda a gente gritava a plenos pulmões, mas ninguém ouvia senão a sua própria voz, porque a trovoadá estonteante e ruidosa abafava os sons. Só o embate do casco do navio num rochedo submerso se sobrepôs, com um estrondo medonho e aterrorizante!

A água, ao entrar em golfadas pelo casco tombado, não tardaria a levar para o fundo do oceano navio, homens e carga. Gonçalo, Helena e Joana, no meio daquela barafunda, em pânico e encharcados até aos ossos, sentiram-se arrebatados por uma força desconhecida que os arrastava para a água. Ainda viram que Luís de Camões, desesperado, se esforçava por amarrar a caixa dos poemas a uma tábua, sem sequer reparar que os caixotes com as moedas de ouro e prata acabavam de ser engolidos pelas ondas. Pouco depois viram-no saltar para a água sem largar o seu mais precioso tesouro.



Pelos visto sabia nadar, mas a corrente era forte e não estava a conseguir aproximar-se de terra.

— É esta a nossa missão! — gritou a Helena. — Temos de o ajudar.

Saberem o que se esperava deles e sentirem-se capazes de cumprir a sua missão, redobrou-lhes a energia. Aproximaram-se e, todos juntos, com braçadas vigorosas, conseguiram empurrá-lo em direção à costa. A certa altura, quando já não estavam fora de pé, endireitaram-se e avançaram apoiando-se uns aos outros. Pisar terra firme foi uma emoção tão forte como talvez nunca tivessem sentido antes. Camões arrastou-se para debaixo de umas palmeiras onde estavam alguns homens magrinhos, de chapéu de bico, arregalados de espanto com a cena a que acabavam de assistir.

Quiseram juntar-se-lhes, mas a força desconhecida que os lançara à água elevava-os agora em direção ao céu. Lá do alto e ainda estonteados congratularam-se por ver o poeta, *Os Lusíadas* e outros poemas a salvo. Quanto à delicada figura de Dinamene, pareceu-lhes que se desvanecia entre farrapos de nuvens. E tiveram uma alegria inesperada: um bote que não se afundara, navegava para terra conduzido pelo simpático marinheiro bochechudo, o Samuel, que ia recolhendo naufragos pelo caminho.

Exaustos, perturbados, mas felizes por terem cumprido a sua missão, e que missão, ficaram a pairar sem saberem ao certo aonde. Nenhum deles se admirou quando ouviram a musiquinha suave como a das



flautas, anunciando a presença de Mercúrio. Começou por felicitá-los, felicitando-se a si próprio também.

– Parabéns! Estiveram à altura, fizeram o que tinham de fazer e sei que não foi fácil. Pelos vistos não me enganei quando vos escolhi.

Preparavam-se para o massacrar com perguntas e comentários. Ele não deixou. E o que disse para despedida, desconcertou-os.

– Vocês foram formidáveis. Os portugueses e os deuses estão e estarão sempre muito gratos pelo que fizeram. No entanto, sou obrigado a dar uma informação que não vos vai agradar.

Joana, convencida de que se preparava para lhes fazer novos desafios, ainda perguntou:

– Mais tarefas perigosas?

Mercúrio abanou a cabeça e as asas do capacete estremeceram.

– Não. Nada disso. Vou devolver-vos ao mundo a que pertencem. Ilesos e depois de terem tido experiências fantásticas!

– O que foi ótimo.

– Pois foi. O problema é que ao retomarem a vossa vida, no vosso século, perdem a memória de tudo o que vos aconteceu, nunca mais se lembram de nada.

– Não nos faça isso! – pediu a Helena.

Mercúrio esboçou um sorriso compreensivo.

– É sempre isso que me pedem os humanos, e eu nunca posso fazer-lhes a vontade.

- Porquê?
- Porque são escolhas que não dependem de mim. No intercâmbio entre mundos paralelos «a vontade de cada um não conta porque outro valor mais alto se alevanta».





## INFORMAÇÃO HISTÓRICA

## Camões

Luís Vaz de Camões, o maior poeta português, apesar de ter tido uma vida difícil e aventureira e de ter enfrentado inúmeros perigos, escreveu muitos poemas sobre os mais variados assuntos. Amor, paixão, saudade, grandes mágoas, experiências pessoais magníficas ou terríveis, são temas constantes da sua obra. Mas também fez críticas em verso, algumas muito sérias, outras brincalhonas. E dedicou poemas à natureza, à mulher em geral, às mulheres que conheceu e aos amigos com quem partilhou momentos bons e momentos maus. Escreveu ainda três peças de teatro. E o espantoso poema com 8816 versos a que deu o título de *Os Lusíadas*.

### *Os Lusíadas*

O tema central de *Os Lusíadas* é a viagem em que navios portugueses comandados por Vasco da Gama descobriram o caminho marítimo para a Índia. A propósito dessa viagem, Camões conta a História de Portugal, desde o início até à época em que viveu, envolvendo deuses e heróis da Roma antiga nos acontecimentos. A um longo poema que glorifica personagens históricas e que glorifica um povo, como é o caso de *Os Lusíadas*, dá-se o nome de epopeia. *Os Lusíadas* são uma fabulosa epopeia.

## A vida de Camões

A vida deste grande poeta está envolta em mistérios difíceis de desvendar porque viveu há mais de 500 anos e poucos foram os documentos sobre o seu percurso que chegaram aos nossos dias. No entanto, através de pesquisas e de estudos feitos por especialistas, obtiveram-se informações.

O pai, Simão Vaz de Camões, pertencia a uma família da pequena nobreza, com raízes na Galiza. A mãe, Ana de Sá e Macedo, pertencia a uma família de Santarém.

Luís de Camões veio ao mundo em 1524 ou 1525. Ignora-se onde nasceu, mas é possível seguir-lhe o rasto a partir da juventude.

## Camões em Coimbra

Camões revelou conhecimentos vastíssimos e uma cultura muito rica nos poemas que escreveu. Na época, Coimbra era a cidade onde existiam as melhores escolas e a única universidade do país. Terá sido pois em Coimbra que estudou, certamente sob a orientação do tio, Bento de Camões, que era prior do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra.

A leitura de alguns dos seus poemas não deixa lugar a dúvidas, Camões conhecia e amava aquela cidade.

*Doces águas e claras do Mondego  
doce repouso da minha lembrança, [...]¹¹*

## Camões em Lisboa

Camões viveu alguns anos em Lisboa e frequentava a corte. Reinavam então D. João III (que esteve no trono entre 1521 e 1558) e D. Catarina.

Frequentava também casas de famílias nobres e, a par, convivia com gente do povo nas ruas e em casas de comes e bebes, em volta das mesas de jogo. A todos encantava, como nos encanta, com a sua poesia, que com frequência aborda o tema do amor.

*Amor é um fogo que arde sem se ver  
é ferida que dói, e não se sente;  
é um contentamento descontente,  
é dor que desatina sem doer [...]¹²*

\*

*Que dias há que na alma me tem posto  
Um não sei quê, que nasce não sei onde;  
Vem não sei como; e dói não sei porquê. [...]¹³*

---

<sup>11</sup> Versos de soneto, *Obras completas de Luís Vaz de Camões*, II volume, *Lírica*. Org. Maria Vitalina Leal de Matos, E- Primatur, 2022, p. 169.

<sup>12</sup> Versos de soneto, *Obras completas de Luís Vaz de Camões*, II volume, *Lírica*. Org. Maria Vitalina Leal de Matos, E- Primatur, 2022, Soneto p. 169.

<sup>13</sup> Versos de soneto, *Obras completas de Luís Vaz de Camões*, II volume, *Lírica*. Org. Maria Vitalina Leal de Matos, E- Primatur, 2022, p. 168.

## Amores proibidos

Na época em que Luís de Camões viveu, o casamento só era permitido entre pessoas do mesmo grupo social e com a aprovação dos pais. Como ele pertencia à pequena nobreza e não tinha fortuna, não podia casar com uma filha de aristocratas. Mas apaixonou-se de certeza por alguém que lhe estava vedado, pois em muitos dos poemas ecoam os tormentos de um amor proibido.

*Busque Amor novas artes, novo engenho  
Para matar-me, e novas esquivanças;  
Que não pode tirar-me as esperanças,  
Que mal me tirará o que eu não tenho. [...]*<sup>14</sup>

Há quem diga que uma das mulheres que amou sem esperança foi a princesa dona Maria, irmã do rei. O que é pouco provável, pois dificilmente teria sequer oportunidade de se aproximar e de conversar com ela.

Ter-se-á apaixonado, sim, por uma dama da corte, ou talvez até por várias.

Os especialistas que ao longo dos séculos se debruçaram sobre a sua obra, apontaram alguns nomes como possíveis: Francisca de Aragão, que, além de ser linda, e de despertar paixões entre os nobres, também gostava de fazer versos; Catarina de Ataíde, aliás, uma

---

<sup>14</sup> Versos de soneto, Obras completas de Luís Vaz de Camões, II volume, Lírica. Org. Maria Vitalina Leal de Matos, E- Primatur, 2022, p. 168.

das três Catarina de Ataíde que foram damas da rainha D. Catarina, inalcançáveis, pois uma delas era neta de Vasco da Gama, outra descendia da rica família dos Sousa, de Aveiro, e uma terceira pertencia igualmente à alta nobreza.

Alguns especialistas são de opinião que Camões ocultou o nome da sua amada em poemas que lhe dedicou, e nos quais usou letras do seu nome, por outra ordem: Natércia (naquele tempo escrevia-se Caterina).

*Quando Liso Pastor, num campo verde,  
Natércia, crua Ninfa, só buscava  
Com mil suspiros tristes que derrama. [...]*<sup>15</sup>

Se assim foi, a qual das Catarina se referia? Provavelmente nunca se saberá. No entanto, não restam dúvidas de que a certa altura, por causa de um romance proibido, foi expulso de Lisboa e obrigado a ir viver longe. Segundo a tradição, em Constância. Mas há quem diga que pode ter estado noutras povoações, em todo o caso nas margens do Tejo, no Ribatejo.

Quando finalmente regressou a Lisboa, ou porque insistisse no romance proibido, ou por qualquer outro motivo que se desconhece, inscreveu-se para ir combater nas praças portuguesas do norte de África.

---

<sup>15</sup> Versos de soneto, *Obras completas de Luís Vaz de Camões*, II volume, *Lírica*. Org. Maria Vitalina Leal de Matos, E- Primatur, 2022, p. 205.

## Camões no Norte de África

No Norte de África viviam os mouros. Em reinados anteriores<sup>16</sup> os portugueses tinham conquistado aos mouros vários castelos e povoações para onde passou a ser necessário enviar regularmente homens, armas e mantimentos, pois os mouros tentavam reconquistar as terras perdidas e as lutas eram constantes.

Os serviços prestados à coroa no Norte de África eram considerados um treino para os cavaleiros, filhos de nobres, e para homens do povo que seguiam a carreira das armas. Os que regressavam, se tivessem dado provas de bravura, ganhavam prestígio e podiam receber recompensas do rei.

Não se sabe ao certo onde esteve Camões, nem quanto tempo andou em lutas pelo Norte de África. O que sabe é que perdeu o olho direito. Terá sido em combate ou num acidente? Não há certezas. No entanto pensa-se que terá regressado a Lisboa por causa de ferimentos.

## Camões de novo em casa

De regresso a Lisboa, Camões retomou a sua vida normal. Ou seja, voltou a frequentar a casa dos amigos e a participar em encontros com a rapaziada que se juntava

---

<sup>16</sup> Os reis portugueses que fizeram conquistas no Norte de África foram D. João I, D. Duarte, D. Afonso V, D. João II, D. Manuel I.

para comer, beber e jogar nas tabernas. Esses encontros davam origem a muitas cenas de pancadaria, não só nas tabernas, mas também nas ruas, a qualquer hora do dia ou da noite.

No ano 1552 o dia do Corpo de Deus, que é uma festa móvel, calhou a 16 de junho. Esta era então uma das festas religiosas mais importantes. Celebravam-se missas e outras cerimónias religiosas, como uma procissão solene, muito concorrida, que terminava na igreja de São Domingos, perto do Rossio, no centro de Lisboa.

Camões estava precisamente junto da igreja de São Domingos, quando viu dois amigos aproximarem-se. Por qualquer motivo que se desconhece, esses amigos envolveram-se numa zaragata com um tal Gonçalo Borges. Tanto gritaram e se insultaram que a zaragata descambou em grande briga. Camões desembainhou a espada para defender os amigos e acabou por ferir o opositor no pescoço. O acontecimento foi considerado muito grave porque Gonçalo Borges trabalhava no palácio real. Era ele quem se ocupava das selas e dos arreios dos cavalos do rei. Furioso, apresentou queixa e Camões foi preso.

Os guardas levaram-no para a Cadeia do Tronco, uma prisão que havia perto da zona onde atualmente se situa o Coliseu dos Recreios. Essa, como aliás todas as prisões daquele tempo, era péssima. Nas celas muito apertadas havia pouca luz e a limpeza era quase nula. Os presos, se fossem do povo, ficavam amarrados a um tronco. Se fossem da nobreza, amarravam-lhes os tornozelos. Ao incómodo, somava-se a humilhação pois

havia aberturas com grades, que davam para a rua, e os presos podiam ser vistos por quem passava. Pensar que as pessoas eram tratadas assim, entristece. E saber que um homem como Luís de Camões, que tinha servido o seu país nas lutas do Norte de África, que até tinha perdido um olho nessa missão, e que já se revelara poeta de grande talento, possa ter estado encarcerado numa prisão horrorosa, é revoltante. Mas estive e durante meses! Só veio a ser libertado depois de ter escrito ao rei D. João III a pedir perdão, a reconhecer-se como culpado e a oferecer-se como voluntário para servir o país na Índia como soldado. O rei perdoou-lhe a pena e aceitou o pedido, mas para sair em liberdade Camões teria de pagar uma multa para a qual não possuía dinheiro suficiente. Valeu-lhe a ajuda de bons amigos.

## O embarque para a Índia

Vasco da Gama tinha descoberto o caminho marítimo para a Índia mais de 50 anos antes. Depois da descoberta, os portugueses tinham feito várias conquistas por lá, e construído castelos ou fortalezas naquilo que se passaria a chamar Estado Português da Índia com a capital em Goa. Todos os anos partia de Lisboa para Goa uma armada, e só uma. A armada transportava soldados que iam garantir a defesa de territórios e navios, padres para prestar assistência e espalharem fé cristã, mercadores interessados em fazer negócios, em geral na esperança de

enriquecerem rapidamente e nobres que o rei nomeava para cargos no governo e na administração. Como os navegadores portugueses já conheciam os ventos e as correntes marítimas do Atlântico e do Índico, escolhiam o melhor percurso, mas a viagem era muito longa. Se tudo corresse bem demoravam seis meses. Se tudo corresse mal demoravam muito mais. Podiam encalhar, naufragar, ser desviados para outras paragens, ou ficar retidos à espera de ventos e correntes favoráveis, ou até serem obrigados a «invernarem» num porto para não serem apanhados pelas monções contrárias do oceano Índico.

A armada que se preparava para largar de Lisboa no ano 1553 era composta pelas naus: *São Bento*, *Santa Cruz*, *Loreto* e *Santo António*. Esta última ardeu antes de partir, o que foi uma aflição para toda a gente. As outras três, ancoradas junto à praia do Restelo, prepararam-se para zarpar no mês de março. Camões embarcou na nau *São Bento*. Conforme era habitual, à medida que a data de partida se aproximava o movimento na zona do cais ia aumentando porque era necessário levar para bordo sacos, baús, pipas, cestos, com todo o tipo de produtos indispensáveis a uma viagem tão demorada. E aparecia muita gente para assistir ao espetáculo ou para se despedir, sempre com grande emoção pois muitos do que partiam nunca mais voltariam a casa.

A mãe de Camões terá estado presente? Terá ido dizer adeus ao filho? Ignora-se. E ele, estaria nervoso? Com medo da longa travessia? Dividido entre sentimentos contraditórios?



O porto de Lisboa no século XVI. Gravura de Theodor de Bry, 1592.

É a ler os seus versos que o conhecemos melhor. É a ler os versos de *Os Lusíadas* que podemos ficar a saber qual era o seu estado de espírito, quando embarcou, pois o relato da partida de Vasco da Gama para a Índia foi certamente inspirado por aquilo que ele próprio sentiu na mesma situação, cinquenta e seis anos depois.

*A gente da cidade aquele dia,  
(Uns por amigos, outros por parentes,  
Outros por ver somente) concorria,  
Saudosos na vista e descontentes. [...]*<sup>17</sup>

<sup>17</sup> *Os Lusíadas*, Luís de Camões, Canto IV, estância 88.

*Em tão longo caminho e duvidoso  
Por perdidos as gentes nos julgavam;  
As mulheres c'um choro piedoso,  
Os homens com suspiros que arrancavam;  
Mães, esposas, irmãs, que o temeroso  
Amor mais desconfia, acrescentavam  
A desesperação, e frio medo  
De já nos não tornar a ver tão cedo.*<sup>18</sup>

## Rumo à Índia

A armada zarpuu de Lisboa no dia 24 de março de 1553, domingo de Ramos.

Na viagem, entre Lisboa e o cabo da Boa Esperança, as naus seguiram sensivelmente a mesma rota de Vasco da Gama. Não se conhecem pormenores sobre as etapas, nem sobre o estado do tempo em todos os lugares onde Camões e os companheiros terão desembarcado, mas como passaram pelas mesmas zonas, o mais certo é que tenham tido experiências semelhantes. E assim, Camões pôde sentir ao vivo o que acontecera em viagens anteriores, o que lhe permitiu descrever n'Os *Lusíadas*, com grande realismo, imagens e sensações, calmarias e tempestades que afligiram Vasco da Gama e os marinheiros por ocasião da descoberta do caminho marítimo

---

<sup>18</sup> Os *Lusíadas*, Luís de Camões, Canto IV, estância 89.

para a Índia. E como era um poeta extraordinário, tudo apresentou em versos magníficos..

*Contar-te longamente as perigosas  
Coisas do mar, que os homens não entendem:  
Súbitas trovoadas temerosas,  
Relâmpados que o ar em fogo acendem,  
Negros chuviros, noites tenebrosas,  
Bramidos de trovões que o mundo fendem, [...] <sup>19</sup>*

*Vi claramente visto, o lume vivo  
Que a marítima gente tem por santo [...] <sup>20</sup>*

Na passagem pelo Cabo da Boa Esperança a nau *São Bento* foi apanhada por uma das terríveis tempestades habituais.

Camões descreveu essa tempestade de forma magnífica. E ficou tão impressionado com o grande rochedo que se ergue na ponta sul do continente africano, que lhe atribuiu nome, personalidade e história pessoal. Ou seja, concedeu e deu vida ao rochedo, que para sempre passou a ser o *Gigante Adamastor*, uma figura medonha e má, com dentes amarelos, responsável pelas tempestades que ocorrem com frequência na zona em que se encontram o oceano Atlântico e o oceano Índico. Camões inventou ainda que o Adamastor, afinal, não

---

<sup>19</sup> Os *Lusíadas*, Luís de Camões, Canto V, estância 16.

<sup>20</sup> Os *Lusíadas*, Luís de Camões, Canto V, estância 18.

passava de um infeliz que muito sofrera à conta de um amor proibido.

*Não acabava, quando uma figura  
Se nos mostra no ar, robusta e válida,  
De disforme e grandíssima estatura,  
O rosto carregado, a barba esqualida,  
Os olhos encovados, e a postura  
Medonha e má, e a cor terrena e pálida,  
Cheios de terra e crespos os cabelos,  
A boca negra, os dentes amarelos.<sup>21</sup>*

Adamastor fala aos portugueses que viajam com Vasco da Gama, fazendo-lhe em simultâneo elogios e ameaças.

*E disse: — ‘Ó gente ousada, mais que quantas  
No mundo cometeram grandes cousas,  
[...]  
E navegar meus longos mares ousas,  
Que eu tanto tempo há já que guardo e tenho,  
Nunca arados d’estranho ou próprio lenho:<sup>22</sup>*

— *‘Sabe que quantas naus esta viagem  
Que tu fazes, fizerem de atrevidas,  
Inimiga terão esta paragem  
Com ventos e tormentas desmedidas.*

---

<sup>21</sup> Os *Lusíadas*, Luís de Camões, Canto V, estância 39.

<sup>22</sup> Os *Lusíadas*, Luís de Camões, Canto V, estância 41.

[...]

*Antes em vossas naus vereis cada ano,  
Se é verdade o que meu juízo alcança,  
Naufrágios, perdições de toda sorte,  
Que o menor mal de todos seja a morte.*<sup>23</sup>

N'Os *Lusíadas*, Camões põe ainda Vasco da Gama a dialogar com o Adamastor que acaba por lhe contar a sua triste história: fora transformado em rochedo por causa de um amor impossível.

— *‘Converte-se-me a carne em terra dura,  
Em penedos os ossos se fizeram,  
Estes membros que vês e esta figura  
Por estas longas águas se estenderam;  
Enfim, minha grandíssima estatura  
Neste remoto cabo converteram [...]*<sup>24</sup>

## Chegada a Goa

A nau *São Bento*, onde viajava Camões, foi a única da armada que chegou à Índia no ano 1553. Uma das outras voltou para trás e outra afastou-se da rota, acabando por só chegar dez meses mais tarde.

---

<sup>23</sup> Os *Lusíadas*, Luís de Camões, Canto V, estância 44.

<sup>24</sup> Os *Lusíadas*, Luís de Camões, Canto V, estância 59.

Goa tinha sido conquistada em 1510 por Afonso de Albuquerque. Em 1530 passara a ser a sede do governo de Estado Português da Índia.

Na cidade, que se erguia na margem do rio Mandovi, já havia casas construídas ao gosto dos portugueses, um hospital, igrejas e conventos. E o palácio, que pertencera ao príncipe indiano Adil Khan, era agora a sede do governo, onde vivia o vice-rei português.

A nau *São Bento* alcançou a entrada da barra de Goa em setembro. Os viajantes certamente se alegraram ao dar com os olhos nas fortalezas construídas pelos portugueses para defesa da foz do rio, e às quais tinham dado os nomes de *Forte da Aguada* e *Forte dos Reis Magos*.





Maqueta do Palácio dos Vice-Reis em Goa.  
Atelier Helder Carita. Execução de Augusto Bolotinha, 1999.  
Fotografia de Rui Carita

Gravura representando a rua principal de Goa no século XVI.  
Jan Huygen van Linschoten.



Navegando rio acima, todos os que ali chegavam pela primeira vez encantavam-se ao verem os campos cobertos por maciços de verdura, palmeiras, coqueiros, mangueiras e outras árvores frondosas. E quando se aproximavam da cidade, sabia-lhes bem ver igrejas semelhantes à da sua terra e ouvir tocar os sinos que sempre repicavam para saudar a entrada de naus. Ou talvez o som que bem conheciam lhes provocasse saudades de casa, das famílias, dos amigos que tinham ficado lá longe.

## Condições difíceis

Luís de Camões fora para a Índia como soldado. E como todos os soldados que ali desembarcavam, não tinha alojamento garantido. Parece impossível que não houvesse quartéis ou outro tipo de instalações para os homens que ali se dispunham a servir o rei, a servir o seu país, mas era assim.

Não se sabe onde Camões se terá alojado, mas tal como os companheiros, terá arranjado solução para passar a noite. Sem casa, nem trabalho, nem ordenado, os primeiros tempos foram com certeza muito difíceis. No entanto, como era um homem comunicativo e como estavam na Índia pessoas que sabiam quem ele era, e até alguns parentes, talvez se tenha integrado mais depressa do que muitos outros. No entanto, não podia continuar sem casa, sem trabalho e sem dinheiro, por isso alistou-se numa expedição que o vice-rei D. Afonso de Noronha organizara para

atacar um rei local — o rei da Pimenta — que tinha sido aliado dos portugueses, mas resolvera passar-se para o campo inimigo. Participou na luta, de que saiu ileso, mas vivia descontente porque, embora fosse bravo e destemido, não apreciava guerras. Na verdade, não queria ser soldado. No entanto, viu-se obrigado a participar noutra campanha militar, porque precisava de ganhar a vida. Em 1555 embarcou numa expedição que se dirigiu à entrada do Mar Vermelho para saquear naus de mercadores muçulmanos que comerciavam especiarias. O que não lhe agradou nada, pois as ditas naus não apareceram e ele, bem com os companheiros, tiveram de permanecer imenso tempo a bordo, junto ao cabo Guardafui e debaixo de tempestades horrendas. Apesar do desconforto e do mal-estar, escreveu um poema magnífico em que descreve o local árido, inóspito, onde não há plantas, nem animais, nem pessoas.

*Junto de um seco, fero e estéril monte,  
inútil e despido, calvo, informe,  
da natureza em tudo aborrecido;  
onde nem ave voa, ou fera dorme,  
nem rio claro corre, ou ferve fonte,  
nem verde ramo faz doce ruído; [...]*<sup>25</sup>

Quando regressou a Goa, a vida continuou complicada e difícil como para a maioria dos soldados. O vice-rei, entretanto, fora substituído e quem desempenhava o

<sup>25</sup> Versos de canção, *Obras completas de Luís Vaz de Camões*, II volume, *Lírica*. Org. Maria Vitalina Leal de Matos, E- Primatur, 2022, p. 283.

cargo era Francisco Barreto, com o título de governador, porque o rei de Portugal só concedia o título de vice-rei a homens da alta nobreza.

Foi para este governador que Camões apresentou a peça de teatro, uma comédia, a que dera o título *Auto de Filodemo*.

Toda a gente gostou, toda a gente aplaudiu. Talvez entusiasmado pelo sucesso, embalou a escrever poemas satíricos, em que ridicularizava pessoas de todas as classes sociais, criticava a corrupção, sobretudo dos indivíduos que, tendo cargos importantes, se apropriavam de riquezas a que não tinham direito e de bens que deviam ser entregues à coroa portuguesa. E criticava também quem tinha poder para evitar os abusos e não o fazia.

Apesar de não incluir os nomes, os versos eram tão bem escritos que se percebia muito bem quem era o autor e a quem é que ele se referia. E como também eram versos divertidos, as pessoas copiavam-nos, aprendiam-nos e repetiam-nos de cor em toda a parte. Estes e outros poemas do mesmo género ficaram conhecidos como *Disparates da Índia*.

Os visados, furiosos, queixaram-se ao governador e exigiram que cumprisse a lei, porque havia uma lei que condenava à prisão quem insultasse ou ridicularizasse pessoas importantes. O governador Francisco Barreto mandou prender Luís de Camões.

Encarcerado na cadeia de Goa, que tal como a de Lisboa se chamava *Cadeia do Tronco*, Camões certamente sofreu muito, e, como sempre, dedicou-se à escrita.

Um pequeno quadro, que é o retrato mais antigo de Camões, representa-o na cela, sentado a uma mesa vermelha, a escrever. Tem consigo papéis, tinteiro, penas, livros e mapas. Não se sabe ao certo quem pintou o quadro, mas alguns especialistas pensam que poderá ter sido Fernão Vaz Dourado, filho de pai português e mãe goesa, que tinha uma oficina de cartografia e se dedicava a desenhar mapas de grande qualidade e muito belos.

Quanto ao período em que Camões permaneceu na cadeia, os historiadores dividem-se. Sabe-se, no entanto, que depois de ser libertado, embarcou rumo ao arquipélago das Molucas. Ao contornar o extremo sul da Índia, terá avistado a enorme ilha que hoje chama Ceilão ou Sri Lanka, mas na antiguidade se chamava Taprobana, nome que utilizará na primeira estância de *Os Lusíadas* para enaltecer a ousadia dos portugueses que se atreveram a descobrir mares nunca navegados.

*As armas e os barões assinalados,  
Que da ocidental praia Lusitana,  
Por mares nunca de antes navegados,  
Passaram ainda além da Taprobana,  
Em perigos e guerras esforçados,  
Mais do que prometia a força humana,  
E entre gente remota edificaram  
Novo Reino, que tanto sublimaram;*<sup>26</sup>

---

<sup>26</sup> *Os Lusíadas*, Luís de Camões, Canto I, estância 1.

Camões deixou escrito que passou uma grande parte da vida em Ternate, que é uma ilha do arquipélago das Molucas. Não há relatos esclarecedores sobre o que fez por lá, mas fez poemas. No Canto X de *Os Lusíadas*, menciona as ilhas de Tidore e de Ternate, onde havia vulcões em atividade. Menciona também a especiaria mais abundante das ilhas Molucas, o cravo, que nasce nas árvores. Esta especiaria esteve na origem de muitas lutas entre os portugueses e a população local porque o comércio de cravo era muito lucrativo.

*Olha cá pelos mares do Oriente  
As infinitas Ilhas espalhadas:  
Vê Tidore e Ternate, co fervente  
Cume, que lança as flamas ondeadas.  
As árvores verás do cravo ardente,  
Co sangue Português inda compradas.[...] <sup>27</sup>*

---

<sup>27</sup> *Os Lusíadas*, Luís de Camões, Canto X, estância 132.

## De novo em Goa

Quando Camões regressou a Goa voltou a ser preso por dívidas que contraiu e não conseguiu pagar. O vice-rei era então D. Francisco Coutinho, a quem escreveu para pedir que o libertasse. E o vice-rei libertou-o.

Em Goa tinha amigos entre o povo e também amigos nobres.

Naquele tempo, em Portugal, só o filho mais velho herdava a riqueza da família. Todos os outros, considerados *filhos segundos*, eram obrigados a ganhar a vida. Alguns tinham a sorte de ser nomeados pelo rei para cargos no Estado da Índia, outros iam para a Índia como soldados ou para tentar fazer negócios por sua conta.

Em Goa Camões reencontrou amigos nobres, com quem costumava conviver em Lisboa, e festejou o reencontro com versos. Passou à história um jantar para o qual convidou cinco amigos fidalgos de quem era muito próximo e que certamente o admiravam como poeta. Os amigos eram: Vasco de Ataíde, Heitor da Silveira, João Lopes Leitão, D. Francisco de Almeida (descendente do primeiro vice-rei da Índia), Francisco de Melo Sampaio.

Recebeu-os de forma inesperada, pois nos pratos, em vez de comida, serviu-lhes trovas, ou seja, versos. A festa ficou conhecida por *Banquete das Trovas*. Para Vasco de Ataíde, por exemplo, escreveu

*Se não quereis padecer  
uma ou duas horas tristes,  
Sabeis que haveis de fazer?  
Volveras por do venistes [voltai para onde vieste]  
que aqui não há que comer.  
E posto que aqui leiais  
trovinha que vos enleia  
corrido não estejais;  
porque por mais que corrais  
não heis-de alcançar a ceia.*<sup>28</sup>

No poema preparado para outro amigo, Heitor da Silveira, avisou que não ia comer nem beber nada, pois em vez de vinho, lhe oferecia a tinta com que escrevera o poema.

*Pois sabei que a Poesia  
vos dá aqui tinta por vinho  
e papéis por iguaria.*<sup>29</sup>

Há de ter sido uma risota e aquela noite nunca foi esquecida porque a brincadeira do poeta ficou registada em verso.

---

<sup>28</sup> Versos de redondilha: Convite, *Obras completas de Luís Vaz de Camões*, II volume, *Lírica*. Org. Maria Vitalina Leal de Matos, E-Primatur, 2022, p. 132.

<sup>29</sup> Versos de redondilha: Convite, *Obras completas de Luís Vaz de Camões*, II volume, *Lírica*. Org. Maria Vitalina Leal de Matos, E-Primatur, 2022, p. 132.

## Garcia de Orta, grande amigo de Camões

Garcia de Orta pertencia a uma família de judeus convertidos ao cristianismo, ou seja, cristãos-novos. Nasceu em Castelo de Vide, provavelmente em 1501. Estudou em Espanha nas Universidades de Salamanca e Alcalá de Henares. Inteligente e estudioso, formou-se em Medicina em 1523.

Regressado a Portugal, esteve um tempo em Castelo de Vide. Depois foi para Lisboa onde teve a honra de ser escolhido para médico do rei D. João III.

Embarcou para a Índia no dia 12 de março de 1534 como médico e veio a acompanhar o governador do Estado da Índia em várias campanhas. Nunca regressou ao reino e estabeleceu-se em Goa como médico. Em 1541 casou em Goa com Briande de Solis também de origem judaica. O casal teve duas filhas.

Como médico, Garcia de Orta tornou-se famoso devido à sua competência. Prestava serviço no hospital de Goa e na prisão de Goa e era procurado por todas as pessoas importantes que precisavam de cuidados de saúde. A sua fama era tal, que vários governantes e príncipes indianos recorriam aos seus serviços.

Além de exercer medicina, tornou-se botânico porque queria conhecer melhor as propriedades curativas das plantas da Índia. O que lhe permitia preparar remédios novos.

Apesar de muito ocupado em atividades científicas, encontrava tempo para contactar com comerciantes e viajantes que visitavam Goa, e ele próprio se dedicava ao comércio.

Acolheu a mãe viúva e as irmãs na sua casa. Toda a sua família era respeitada e estimada. Mas em 1560 o rei D. João III autorizou os dominicanos a estabelecerem em Goa o Tribunal da Inquisição, que funcionava em Portugal desde 1536. Ora, a Inquisição destinava-se a perseguir, castigar e até a condenar à morte quem desrespeitasse a religião cristã ou praticasse o judaísmo.

Os inquisidores não se atreveram a incomodar Garcia de Orta, enquanto foi vivo, certamente porque tinha grande prestígio e porque fazia falta como médico.

Quando Garcia de Orta escreveu a sua única obra — *Colóquio dos simples e drogas e coisas medicinais da Índia* — publicou nas primeiras páginas um poema de Luís de Camões, que, em Goa, se tornara seu amigo. E esse foi o primeiro poema de Camões a ser publicado.

Garcia de Orta morreu em 1568 e foi enterrado na Sé de Goa. O seu desaparecimento teve consequências trágicas para a família. A sua irmã Catarina foi perseguida pela inquisição, acusada de judaísmo e queimada viva em Goa. Anos mais tarde, os inquisidores mandaram desenterrar os restos mortais do famoso médico e queimaram-nos também numa das horríveis cerimónias públicas a que se dava o nome de auto-de-fé.

A obra de Garcia de Orta, que através de um diálogo entre médicos imaginários apresenta uma descrição

pormenorizada das características e propriedades de plantas medicinais da Índia, algumas conhecidas dos europeus, outras não, é uma obra notável, de grande valor científico, que foi traduzida para latim e divulgada por toda a Europa.

## Camões em Macau

No ano 1562 o vice-rei, que era D. Francisco Coutinho, conde do Redondo, nomeou Luís de Camões Provedor dos Defuntos em Macau. Este cargo era muito apetecido por ser bem pago pela coroa portuguesa e não só. O Provedor de Defuntos tinha como missão fazer o inventário de todos os bens deixados por portugueses que morressem em Macau. Devia vendê-los em leilão e guardar o dinheiro que obtivesse para o entregar aos herdeiros ou à coroa, mas tinha o direito de ficar com uma percentagem.

Só podia exercer o cargo quem soubesse ler, escrever, interpretar leis. E, naturalmente, convinha que fosse honesto para não dar informações erradas aos herdeiros e à coroa e para não se apropriar daquilo que não lhe pertencia.

Já viviam então muitos portugueses em Macau e praticamente todos se dedicavam ao comércio. A exceção era os padres. O imperador da China tinha autorizado os portugueses a instalarem-se em Macau para comerciarem em 1557. A partir de então a cidade, que fica

situada na foz do rio das Pérolas começou a desenvolver-se não só devido à presença dos portugueses mas também porque muitos chineses foram atraídos pelos negócios que ali podiam fazer. Naquele porto o movimento era cada vez mais intenso. Naus vindas de Goa transportavam produtos europeus, ouro da costa oriental da África, tecidos da Índia especiarias das ilhas Molucas e outros produtos de outras regiões da Índia e do Pacífico.

Em Macau tudo isso se vendia com lucro e por lá se compravam porcelanas e sedas da China. A partir de certa altura, passou a haver também comércio com o Japão, onde as naus se dirigiam sobretudo para comprar prata. De modo que, quem fosse corajoso, hábil e tivesse sorte, conseguia enriquecer. Quanto mais trocas se fizessem, mais a coroa lucrava porque as naus tinham de pagar taxas alfandegárias em todos os portos dominados pelos portugueses. E o imperador da China também lucrava por se escoarem muitos produtos do seu país. Ou seja, a presença, a circulação e o trabalho dos portugueses em Macau, beneficiavam toda a gente. Talvez por isso, o imperador autorizou os padres portugueses a construírem igrejas e a pregarem a religião cristã. Os primeiros que ali se instalaram foram os jesuítas, mas vários outros se lhes seguiram.

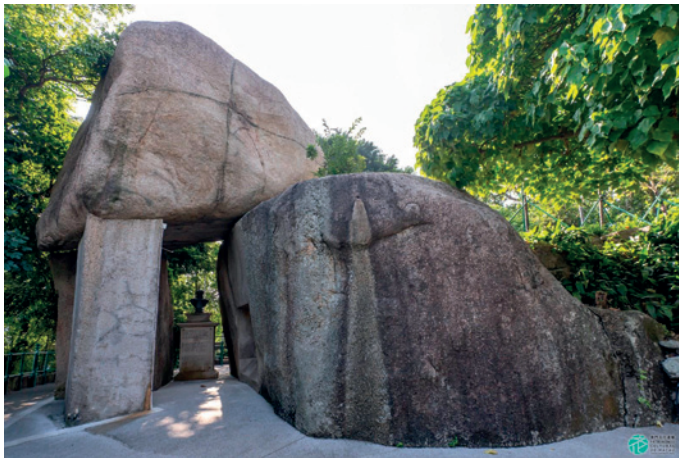
Quando Camões chegou a Macau, uma cerca feita com tábuas separava a zona portuguesa da povoação onde viviam chineses, alguns hindus, malaios e africanos. Ainda havia poucas casas, a maioria dos chineses habitava barcos onde acomodavam tudo o que possuíam e até criavam animais.

Não se sabe ao certo onde viveu Camões, mas como desempenhava um cargo importante é de supor que vivesse numa casa de adobe, coberta de palha ou de telha, como eram quase todas.

Segundo a tradição, o poeta subia com frequência a colina de Patane e sentava-se a escrever no interior de uma formação rochosa, que passaria à história como «penedo de Camões ou gruta de Camões». Ninguém sabe se realmente teria escrito naquele lugar ou não, mas se o fez escolheu bem porque naquele tempo, sem construções em volta, podia desfrutar de uma bela vista e porque em dias de calor e humidade desfrutaria também de sombra e frescura.

Quem hoje visita Macau, se passar pela dita «gruta» ali encontrará um busto do poeta em bronze.

Em Macau, onde Camões estava liberto de obrigações militares e gozou finalmente de um certo desafogo, é



Gruta de Camões.

澳門特別行政區政府文化局

Instituto Cultural do Governo da Região Administrativa Especial de Macau

natural que se tenha sentido bem e que tenha aproveitado para escrever. Supõe-se que boa parte de *Os Lusíadas* foi escrito em Macau. Essa é a opinião de Manuel Severim de Faria, que em 1624 publicou a obra *Discursos de vários políticos* na qual incluiu elementos da biografia de Camões.

Segundo a tradição também, Camões ter-se-á apaixonado por uma linda rapariga chinesa a quem nos poemas chama Dinamene.

Esta figura feminina deu origem a muitas discussões entre especialistas porque uns acham que sim, que existiu, que o acompanhou na viagem de regresso a Goa e que morreu afogada no naufrágio junto à foz do rio Mekong onde Camões se salvou e salvou *Os Lusíadas*.

Outros, porém, são de opinião que Dinamene se limita a ser uma figura poética que ele imaginou para exprimir sentimentos amorosos. E até há quem defenda que usou o nome Dinamene para ocultar o da mulher que realmente amava e cuja identidade não podia revelar.

Há, no entanto, um poema de Camões que refere expressamente a morte por afogamento de uma rapariga muito bela e muito amada, que nunca esquecerá.

*Eternamente as águas lograrão  
a tua peregrina formosura;  
mas, enquanto me a mim a vida dura,  
sempre viva em minh'alma te acharão.[...]*<sup>30</sup>

---

<sup>30</sup> Versos de soneto, *Obras completas de Luís Vaz de Camões*, II volume, *Lírica*. Org. Maria Vitalina Leal de Matos, E-Primatur, 2022, p. 209.

Seria a Dinamene? Seria outra rapariga? E fosse quem fosse, terá morrido no naufrágio em que salvou *Os Lusíadas* ou por ocasião de outra viagem?

Não há respostas certas e seguras para esta pergunta e, possivelmente, nunca haverá.

## O terrível naufrágio

Em 1564 fora nomeado um capitão-mor para Macau, D. João Pereira, que passaria a desempenhar também o cargo de Provedor de Defuntos. Sendo assim, Camões teve de regressar a Goa. E de facto embarcou numa nau que se dirigia a Malaca e dali seguiria depois para Goa.

Quando navegavam perto da foz do rio Mekong, a nau foi apanhada por uma pavorosa tempestade e afundou-se. Muitos homens que seguiam a bordo morreram afogados e a maior parte da carga foi engolida pelas águas.

Camões conseguiu salvar-se nadando para terra ou talvez numa jangada, ou talvez agarrado a tábuas de madeira. Felizmente, conseguiu salvar *Os Lusíadas* e, provavelmente, outros poemas.

N'Os *Lusíadas*, Camões recordou o naufrágio e o facto de ter salvo a obra-prima que dividira em 10 Cantos.

*Este [rio Mekong] receberá plácido e brando  
No seu regaço os Cantos que molhados  
Vêm do naufrágio triste e miserando,  
Dos porcelanas baxos escapados, [...]*

Ao longo dos séculos, muitos artistas representavam o poeta a nadar com o braço esquerdo e transportando *Os Lusíadas* no braço direito. A imagem é sugestiva, mas sendo a epopeia tão longa, seria impossível de transportar assim o maço de papéis, por entre as ondas. No entanto, a imagem além de sugestiva, assenta bem ao poeta, evoca a luta permanente contra os sucessivos obstáculos que teve de enfrentar, contra as vicissitudes da existência que não foram poucas, contra a incompreensão dos que o rodeavam e não souberam dar-lhe o devido valor, a ele e à sua obra.

Pintá-lo ou desenhá-lo a nadar num mar revolto com um braço levantado e *Os Lusíadas* na mão é uma boa maneira de reconhecer a sua força, de lhe prestar homenagem.



Capa de *Na Crista da Onda* n.º 34 –  
Luís Vaz de Camões.  
Ilustração de Carlos Marques

## Regresso atribulado

Não se sabe quem recolheu Camões, mas sabe-se que aquela zona era muito frequentada por navios portugueses e por navios de outros povos onde viajavam portugueses. Também não se sabe quem resgatou Camões e quem o levou para Malaca, mas sabe-se que só era possível navegar de Malaca para Goa uma vez por ano, em janeiro. Camões terá permanecido em Malaca bastante tempo, mas sobre esse período ignora-se praticamente tudo.

Terá desembarcado finalmente em Goa em 1565 ou 1566. E de novo a vida se complicou porque foi acusado de mentir quando disse que perdera o dinheiro dos defuntos no naufrágio. Acusado injustamente de se ter apropriado da riqueza alheia, voltou a ser preso. Esteve na cadeia algum tempo, quando o libertaram tentou provar a sua inocência e regressar a Lisboa. O problema é que teria de pagar a viagem do seu bolso e perdera tudo o que ganhara até então.

Acontece que, entretanto, Pero Barreto Rolim, com quem tinha viajado para Macau, também estava em Goa e fora nomeado capitão de Sofala e Moçambique na costa oriental da África. É de supor que se tenham tornado amigos, pois Pero Barreto Rolim ofereceu-se para o levar consigo. Camões aceitou e pediu licença ao vice-rei para se ir embora, licença que foi concedida. Em África já teria parte do caminho andado e esperava conseguir lugar num navio que rumasse a Lisboa.

Mais uma vez tudo correu mal. Na ilha de Moçambique Camões e Pero Barreto Rolim zangaram-se. Não se sabe ao certo qual o motivo da zanga, mas sabe-se que o poeta foi acusado de ter dívidas e de não as pagar. Não foi preso mas ficou confinado à ilha, durante cerca de dois anos e ali viveu, miseravelmente porque não tinha maneira de ganhar a vida. Valeu-lhe o grande amigo Diogo do Couto, historiador e cronista português do Oriente e autor de obras de referência, a que deu o título de *Diálogo do Soldado Prático e Décadas*. De passagem pela ilha de Moçambique, rumo a Lisboa, encontrou Camões desesperado e resolveu ajudá-lo. Convenceu então outros doze amigos de Camões, que iam embarcados, a contribuírem com dinheiro para que ele pudesse pagar as dívidas e o custo da viagem que o levaria a casa.

Em 1569 Luís de Camões, dezassete anos depois de ter deixado Lisboa, embarcou rumo a Portugal levando consigo *Os Lusíadas*, e certamente outros poemas que escrevera em Goa, em Macau, na ilha de Moçambique e, provavelmente, também a bordo, pois respirava poesia.



**MAPA COM AS 10 VIAGENS  
MARÍTIMAS DE CAMÕES**

**1.ª viagem**

De Lisboa ao Norte de África (1547-1548)

**2.ª viagem**

De Lisboa a Goa (1553)

**3.ª viagem**

De Goa ao Mar Vermelho e a Ormuz (1554)

**4.ª viagem**

De Goa ao rei da Pimenta – região de Cochim (1554)

**5.ª viagem**

De Goa a Malaca, de Malaca a Ternate, ilhas Molucas (1556-1557)

**6.ª viagem**

De Goa a Malaca e a Macau (1562)

**7.ª viagem**

De Macau à foz do rio Mekong onde naufragou (1564)

**8.ª viagem**

Da foz do rio Mekong a Malaca e de Malaca a Goa (1565-1566)

**9.ª viagem**

De Goa a Moçambique (1567)

**10.ª viagem**

De Moçambique a Lisboa (1570)

## A ditosa pátria amada e a grande desilusão

É fácil imaginar os sonhos com que o poeta se entreteve durante a viagem e a emoção que lhe tomou conta de espírito ao avistar o recorte da costa portuguesa, «a fresca serra de Sintra», a baía de Cascais. Decerto ansiava pelo momento de pisar terra firme; de rever a cidade, de ir procurar familiares e amigos. Mas Lisboa, assolada por uma terrível peste, encontrava-se quase deserta e não era permitido desembarcar. Depois de tanto tempo longe, depois de uma viagem tão demorada, há de ter sido um tormento permanecer a bordo na baía de Cascais.

Adoentado e tão pobre como tinha partido, teria ainda de pagar um imposto sobre o que trouxesse consigo. Como a única riqueza que transportava era a sua magnífica obra, *Os Lusíadas*, que ninguém conhecia, pouco terá tido de pagar.

Diogo do Couto escreveria mais tarde que em Moçambique Camões tinha consigo um outro livro de poemas com o título de *Parnaso*, mas que ou perdera ainda em Moçambique, ou durante a viagem ou que alguém lhe roubara, pois por mais que procurassem, esse manuscrito nunca foi encontrado.

Enfim, o regresso não podia ter sido mais triste. Camões, envelhecido, doente, pobre e sem meios de ganhar a vida, encontrou a Lisboa ainda atormentada pela peste. Muitos dos amigos já tinham morrido. Para

as pessoas com quem se cruzava nas ruas, onde antes da partida convivia alegremente com homens e mulheres, era um desconhecido. Teve, no entanto, a alegria de encontrar a mãe viva.

Apesar de atormentado pela tristeza restava-lhe ainda a esperança de que o rei lhe atribuísse uma tença pelos serviços que prestara no Estado da Índia conforme era habitual e que o autorizasse a publicação de *Os Lusíadas*.

O rei era agora D. Sebastião que se ausentara para Almeirim para fugir à peste, mas que, entretanto, regressara a Lisboa. Como não era fácil conseguir uma audiência com o rei, o poeta começou por contactar os descendentes de Vasco da Gama na esperança de que pagassem os custos da edição de *Os Lusíadas*, o que não quiseram fazer. Terá procurado então um nobre chamado D. João de Portugal que gostava muito de poesia. Esse, sim, ficou encantado com a obra e terá conseguido uma audiência para que Camões a lesse a D. Sebastião. Pouco se sabe sobre as condições em que de facto ocorreu a leitura, o que permitiu reconstituições imaginárias. Há quem diga que o encontro com o rei foi no Palácio da Vila em Sintra e quem até tenha pintado a cena, outros, porém afirmam que tudo se passou ao ar livre, no jardim do Palácio da Penha Longa também em Sintra. E também ouviu quem desenhasse e pintasse a cena.

O rei D. Sebastião ter-se-á entusiasmado com a magnífica epopeia ou reagiu com indiferença? Ninguém sabe. Em todo o caso, atribuiu a Luís de Camões uma tença, ou seja, uma quantia de 15 000 réis por ano



Camões lendo *Os Lusíadas* a D. Sebastião, 1893.  
Litografia de António Ramalho.

como paga dos serviços prestados no Estado da Índia o que era pouco. E autorizou a publicação de *Os Lusíadas*. No entanto, de acordo com as regras da época, a obra só podia ser publicada se fosse aprovada pela Inquisição. Como na época a Inquisição era feroz nas suas apreciações e proibia tudo o que parecesse questionar a religião cristã, é natural que Camões tenha ficado inquieto ou mesmo angustiado enquanto esperava pela decisão, pois evocava deuses da Roma antiga. Felizmente, o homem escolhido pela Inquisição para analisar *Os Lusíadas*, frei Bartolomeu Ferreira, era culto e soube apreciar o poema ímpar que tinha nas mãos. Por isso declarou:

não achei neles coisa alguma escandalosa nem o contrário a fé e bons costumes, somente me parecia que era necessário advertir os leitores que o autor, para encarecer (destacar) a dificuldade de navegação e entrada dos portugueses na Índia usa de uma ficção dos deuses dos gentios [...] todavia como isto é poesia e fingimento e o autor, como poeta, não pretenda mais que ornar o estilo poético, não tivemos por inconveniente ir esta fábula dos deuses na obra [...].

Com este parecer favorável, Camões teve a alegria imensa de poder dirigir-se a uma tipografia para mandar imprimir a sua obra-prima. Supõe-se que D. João de Portugal terá pagado os custos, mas não há a certeza.

O primeiro editor de *Os Lusíadas* foi António Gonçalves no ano de 1572. Como pouca gente sabia ler e

entre os nobres também não havia muitos capazes de apreciar uma obra tão rica e complexa, Camões não conheceu em vida a glória que merecia mais do que ninguém.

Além de *Os Lusíadas*, só teve o prazer de ver publicados três outros poemas: um que escreveu para o amigo Garcia de Orta



Capa da primeira edição de *Os Lusíadas*.

incluir no seu livro *Colóquios dos simples e drogas e coisas medicinais da Índia*, publicado em Goa em 1563. Os outros dois poemas foram publicados por Pero de Magalhães Gândavo historiador e cronista que conheceu Camões e o apreciava como poeta. Foi Gândavo que escreveu a primeira História do Brasil à qual deu o nome de *História da Província Santa Cruz, a que vulgarmente chamamos Brasil*. Nessa obra, incluiu dois poemas de Camões.

Luís de Camões, o maior poeta de língua portuguesa, que viria a ser admirado, festejado, lido, estudado, traduzido para muitas línguas, morreu doente, sozinho, pobre e certamente muito triste, no dia 10 de junho de 1579 ou 1580.

Um amigo nobre, D. Gonçalo Coutinho, um dos poucos que soube reconhecer o seu valor, foi quem lhe deu sepultura na igreja de Sant'Ana em Lisboa, perto do local onde Camões residia. E mandou gravar na pedra do túmulo *Aqui jaz Luís de Camões, príncipe dos poetas do seu tempo*.

Só em 1595, quinze anos depois da morte de Camões, é que foram publicados os muitos outros poemas que deixou. Foi Fernão Rodrigues Lobo Soropita que tratou da compilação, recorrendo a cancioneiros manuscritos que outras pessoas tinham em sua posse em Portugal e no Estado da Índia. Estevão Lopes ficou encarregado da publicação. O livro saiu com o título de *Rhymas* e encantou todos os apreciadores de poesia. Três anos mais tarde houve outra edição organizada por

Pedro Crasbeek, com o mesmo título. A partir de então, sucederam-se as edições.

Quanto a *Os Lusíadas*, também foram reeditados e, na edição de 1603, incluem a primeira biografia de Camões escrita por Pedro Mariz. A segunda biografia de Camões foi publicada em 1624 por Manuel de Faria e Sousa, numa tradução de *Os Lusíadas* para castelhano.

Mais tarde, já no século XIX, em 1880 e ainda no tempo da monarquia por ocasião tricentenário da morte de Camões, os deputados do partido republicano propuseram ao governo que o dia 10 de junho em que se completava o tricentenário da morte de Camões, fosse condignamente festejado com a transladação dos restos mortais do poeta para o Mosteiro dos Jerónimos.

O governo não se opôs, mas a família real preferiu manter-se à parte. Os republicanos puderam então tratar do assunto e aproveitaram para fazer grandes manifestações de apoio à república. A manifestação e os festejos, encheram as ruas de gente entusiasmada e contribuíram para a divulgação dos ideais republicanos.

Além de um túmulo esculpido ao gosto manuelino que colocaram em frente ao túmulo de Vasco da Gama, mandaram fazer uma estátua do poeta para o Largo de Camões, em Lisboa.

O poeta descansa em paz e todos gostaríamos que *lá no assento etéreo onde subiu*, pudesse ficar a saber até que ponto a sua obra tem sido e continuará a ser apreciada, valorizada, amada, ao longo dos séculos.

## Os retratos de Camões

O primeiro retrato de Camões data de 1556 e representa o poeta na prisão, em Goa.

O segundo, é da autoria de Fernão Gomes e foi feito em 1570.



Retrato de Camões na prisão de Goa, 1556.  
Autor desconhecido



Retrato de Camões, c. 1570.  
Desenho de Fernão Gomes.





Camões na gruta de Macau.  
Pintura de Francisco Metrass, 1853.

Em 1853 Francisco Metrass pintou Camões na gruta de Macau.

Columbano Bordalo Pinheiro, que fez parte da comissão dos festejos do tricentenário, em 1894 fez um retrato do poeta rodeado pelas *Tágides*.

José Malhoa, em 1907, fez um belíssimo retrato de Camões.



Camões rodeado pelas *Tágides*.  
Pintura de Columbano Bordalo Pinheiro, 1894.



Retrato de Camões, 1907.  
Pintado por José Malhoa.

Nos nossos dias o poeta continua a ser retratado por muitos e variados artistas em selos, livros, gravuras, painéis de azulejos, pinturas e esculturas.



*Retrato de Camões, 1981.*  
Pintura de José de Guimarães.  
© José de Guimarães, SPA, Lisboa 2025



*Naufrágio de Camões, 1980.*  
Pintura de José de Guimarães.  
© José de Guimarães, SPA, Lisboa 2025

## Cronologia

DATAS	EPISÓDIOS DA VIDA DE CAMÕES	LUGARES ONDE VIVEU
1521-1557	<b>REINADO DE D. JOÃO III</b>	
1524-1525	Nascimento de Camões	Não se sabe ao certo onde nasceu, nem onde viveu na infância
1536-1540	Estuda no Mosteiro de Santa Cruz e provavelmente na Universidade de Coimbra.	Coimbra
1542	Escreve poemas que dedica a damas da corte e vai ganhando fama como poeta.	Lisboa
1542	É expulso da capital porque se envolve em brigas e em romances com senhoras da corte.	Constança?
1547-1548	Participa numa expedição naval no Norte de África, onde perde o olho direito.	Ceuta
1549	Envolve-se numa briga e é preso na cadeia do tronco.	
1550	Quando sai da prisão Camões inscreve-se para ir para a Índia, mas não chega a embarcar.	Lisboa
1553	O rei concede-lhe carta de perdão e parte para a Índia como soldado.	
1550-1554	<b>Vice-rei da Índia D. Afonso de Noronha</b>	
1553	<b>Camões chega a Goa, onde irá viver 14 anos. Permaneceu 17 anos no Oriente onde escreveu poemas, peças de teatro, cartas e <i>Os Lusíadas</i>.</b>	Goa
1554-1555	<b>Vice-Rei da Índia D. Pedro Mascarenhas</b>	
1554	Camões combate como soldado na expedição contra o rei da Pimenta comandada pelo vice-rei.	Região de Cochim (Costa do Malabar)
1554	Camões participa numa expedição que se dirige à entrada do mar Vermelho — Golfo de Adem. Permanece algum tempo a bordo junto ao Cabo Guardafui, na costa oriental de África. Terá seguido depois para Mascate e Ormuz, no golfo Pérsico, mas não é certo.	Cabo Guardafui  Ormuz (Golfo Pérsico)

DATAS	EPISÓDIOS DA VIDA DE CAMÕES	LUGARES ONDE VIVEU
1555-1558	Governador da Índia Francisco Barreto	
1556	Camões apresenta o <i>Auto de Filodemo</i> ao governador. Escreve poemas satíricos que circulam em cópias manuscritas, com grande sucesso. Os seus poemas divertiam muita gente, mas irritavam os ridicularizados e estes exigem que seja preso. Camões é preso na cadeia do tronco de Goa. Julga-se que o seu primeiro retrato é feito nesta altura.	Goa
1556-1557	Camões embarca para Ternate no arquipélago das Molucas. Faz escala em Cochim, passa o cabo Comorim, no extremo Sul da Índia e faz escala em Malaca.	Ilha de Ternate no arquipélago das Molucas.
1557-1578	<b>REINADO DE D. SEBASTIÃO</b>	
1558	Camões regressa a Goa e assiste à chegada do novo vice-rei	Goa
1558-1561	Vice-rei da Índia D. Constantino de Bragança	
1561-1564	Vice-rei da Índia D. Francisco Coutinho, 3.º Conde do Redondo	
1561	Camões é novamente preso na cadeia do tronco, por dívidas. Escreve ao vice-rei poemas (trovas) a pedir que o libertasse. Camões é protegido pelo vice-rei e tem um período de tranquilidade. Organiza o «banquete de trovas». Em vez de servir comida Camões oferece poemas aos cinco amigos que convidou para jantar.	Goa
1562	Camões é nomeado Provedor dos Defuntos em Macau e viaja para lá	Macau
1563	Publicação do livro <i>Colóquio dos simples e drogas e coisas medicinais da Índia</i> , de Garcia de Orta, inclui um poema de Camões a apresentar o autor da obra.	Goa

DATAS	EPISÓDIOS DA VIDA DE CAMÕES	LUGARES ONDE VIVEU
1564-1568	Vice-rei da Índia D. Antão de Noronha (não assume logo o cargo porque estava em Portugal).	
1564	D. João de Mendonça torna-se governador da Índia (durante 6 meses) até à chegada de D. Antão de Noronha. Este governador nomeia D. João Pereira para capitão-mor da feitoria de Macau acumulando com o cargo de provedor dos defuntos.	
1564	Parte de Macau para Goa.	Macau
	Naufraga junto da foz do rio Mekong. Consegue salvar o manuscrito de <i>Os Lusíadas</i> . A sua amada Dinamene não sobrevive ao naufrágio.	Mar da China – rio Mekong
1565-1566	Permanece algum tempo em Malaca, segue depois para Goa e procura regressar a Lisboa.	Goa
1567	Consegue embarcar com Pero Barreto Rolim (que fora nomeado para capitão de Sofala na costa de África). Desembarca na ilha de Moçambique onde permanece dois anos sem conseguir transporte para Lisboa.	Ilha de Moçambique
1568-1571	Vice-rei da Índia D. Luís de Ataíde, 3.º conde de Atouguia	
1569	Na ilha de Moçambique é ajudado por Diogo do Couto e por um grupo de amigos que lhe pagam a viagem e embarca para regressar a Lisboa.	Oceano Índico e oceano Atlântico
1570	Viaja no Atlântico	Faz escalas na Ilha de Santa Helena e na ilha Terceira nos Açores
1570 (abril)	Chega ao porto de Cascais na nau <i>Santa Clara</i> , capitaneada por Gaspar Pereira, ou numa das outras duas naus da armada que vinha da Índia – a <i>Santa Fé</i> e a <i>Chagas</i> . Há peste em Lisboa e os viajantes não são autorizados a entrar na cidade.	Cascais
1570	Fernão Gomes pinta o segundo retrato de Camões.	Lisboa

DATAS	EPISÓDIOS DA VIDA DE CAMÕES	LUGARES ONDE VIVEU
1571	Terá lido a sua obra <i>Os Lusíadas</i> a D. Sebastião. O rei autoriza a publicação. O rei concede-lhe uma tença anual de 15 000 réis, pelos serviços prestados na Índia.	Sintra (de acordo com a tradição).
1572	Publicação da primeira edição de <i>Os Lusíadas</i> com parecer favorável do censor do Santo Ofício, Frei Bartolomeu Ferreira e impressa por António Álvares.	
1576	Publicação do livro <i>História da Província de Santa Cruz</i> de Pero Magalhães Gândavo, que inclui dois poemas de Camões.	
1578–1580	<b>REINADO DO CARDEAL-REI D. HENRIQUE</b>	
1579 ou 1580	Camões morre no dia 10 de junho.	Lisboa
1580	Publicação de <i>Os Lusíadas</i> em Espanha (Alcalá de Henares), numa tradução para castelhano.	
1580-1598	<b>REINADO DE FILIPE II DE ESPANHA (FILIPE I DE PORTUGAL).</b>	
1584	Publicação da edição dos Piscos de <i>Os Lusíadas</i> , impressa por Manuel Lira. (Entre 1584 e 1669 saíram 14 edições de <i>Os Lusíadas</i> ).	
1595	Publicação de <i>Rhymas</i> , a primeira edição da poesia lírica de Camões, compilada por Fernão Rodrigues Lobo Soropita e impressa por Estevão Lopes.	
1598	Publicação de <i>Rimas</i> , edição diferente da anterior impressa por Pedro Craesbeeck.	
1613	Publicação da mais antiga biografia de Camões, escrita por Pedro Mariz, numa edição de <i>Os Lusíadas</i> .	
1624	Publicação da segunda mais antiga biografia de Camões, na obra <i>Discursos vários Políticos</i> , de Manuel Severim de Faria. Nesta obra foi impressa uma gravura de A. Paulus, um gravador que trabalhou em Évora.	
1639	Publicação da terceira mais antiga biografia de Camões numa tradução para castelhano de <i>Os Lusíadas</i> publicada por Manuel de Faria e Sousa.	

# Agradecimentos

Agradecemos reconhecidas ao Professor Doutor João Paulo Oliveira e Costa que nos forneceu bibliografia atualizada sobre os temas que abordámos neste livro e dispôs a reler o manuscrito para verificar a correção científica da informação explícita e implícita da história.

ANA MARIA MAGALHÃES E ISABEL ALÇADA

© Reservados todos os direitos, Fundação Jorge Álvares

## Edição

Fundação Jorge Álvares  
Rua Castilho, 39 (Edifício Castil)  
11.º Andar – Letra I  
1250-068 Lisboa, Portugal  
fundacao@jorgealvares.com  
<https://jorgealvares.com/>

## Autoria

Ana Maria Magalhães  
Isabel Alçada

## Ilustrações

Rui Sousa

## Revisão de texto

José Campino

## Design gráfico

TVM Designers

## Impressão

Multitipo

## Tiragem

10 000 exemplares

ISBN 978-989-36634-0-0

Depósito Legal 557409/25

Lisboa, janeiro de 2026

Edição não comercial — PROIBIDA A VENDA



A informação só podia alegrá-los, pois na Índia custara-lhes imenso vê-lo na cadeia, triste, mal vestido e sem ter nada senão livros [...].

Se ali em Macau tudo lhes corria bem, tanto melhor! Ansiosos pelo encontro, pediram ao padre que lhes dissesse onde deviam procurá-lo.

— Talvez na colina de Patane. Há lá uma espécie de gruta onde o Camões gosta de trabalhar.

— Ele escreve numa gruta?

— Não é uma gruta, são pedregulhos, mas vocês quando lá chegarem, logo veem. [...]

A atmosfera estava carregada de humidade e fazia bastante calor. [...] Quando viram o poeta, suspenderam a marcha e ficaram a observá-lo carinhosamente.

Luís de Camões estava sentado naquilo que lhes pareceu ser um caixote grandinho. E de facto escrevia, debruçado sobre um caixote maior. Tinha consigo papéis já cobertos de poemas e papéis ainda em branco à espera de vez para acolherem as ideias, as notas, os versos maravilhosos que compusesse ali mesmo. Muitos seriam os artistas a imaginar e a pintar aquela cena nos séculos seguintes, mas eles os três viam-na ao vivo, que emoção!

